

Álbum do PIBID FURG





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Reitor
JOÃO CARLOS BRAHM COUSIN
Vice-Reitor
ERNESTO CASARES PINTO
Chefe de Gabinete do Reitor
MARIA ROZANA RODRIGUES DE ALMEIDA
Pró-Reitora de Extensão e Cultura
DARLENE TORRADA PEREIRA
Pró-Reitor de Planejamento e Administração
MOZART TAVARES MARTINS FILHO
Pró-Reitor de Infraestrutura
ALESSANDRO MORELLO
Pró-Reitora de Graduação
CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
LUIZ BESSOUAT LAURINO
Pró-Reitor de Gestão e Desenvolvimento Bessoas
CLAUDIO PAZ DE LIMA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
DANILO GIROLDO

EDITORA DA FURG

Coordenador
JOÃO RAIMUNDO BALANSIN
Divisão de Editoração
LUIZ FERNANDO C. DA SILVA

CONSELHO EDITORIAL

Presidente
CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN
Vice-Presidente
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Titulares
ALEXANDRE COSTA QUINTANA
FERNANDO D'INCAO
ADRIANE MARIA NETTO DE OLIVEIRA
IVALINA PORTO
PAULO RICARDO OPUSKA
JOÃO RAIMUNDO BALANSIN
LUIZ ANTÔNIO DE ALMEIDA PINTO
CARMO THUM
ANGÉLICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

Editora da FURG
Luiz Lorea, 261
CEP 96201 -900 - Rio Grande - RS - Brasil
editfurg@mikrus.com.br
www.vetorialnet.com.br/~editfurg/

A345

Album do PIBID-FURG / Maria do Carmo Gallazzi, Vivian da Silva Paulitsch [organizadoras]; Verônica Canteiro Silveira... [et al.]; Anderson Mendonça, Diogo Soares Dornelles, Alexsander Lavoura de Mattos, Sandro Kisner [ilustradores]. - Rio Grande: Editora da FURG, 2011.

60 p.

Vários autores.

ISBN 978-85-7566-197-0.

1. Educação 2. Formação de professores. 3. Prática de ensino. I. Gallazzi, Maria do Carmo. II. Paulitsch, Vivian da Silva. III. Silveira, Verônica Canteiro IV. Mendonça, Anderson. V. Dornelles, Diogo Soares. VI. Mattos, A. L. VII. Kisner, Sandro.

CDU 371.13

Catálogo na fonte: Bibliotecário Clériston Ribeiro Ramos CRB10/1889

Integrante do PIDL

Editora Associada à

ABEU
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS


EDUNI-SUL
ASSOCIAÇÃO DAS EDITORAS
UNIVERSITÁRIAS DA REGIÃO SUL



Editora da FURG

Sumário

Apresentação.....	3
O menino e o passarinho.....	4
Experiência pré-docente na escola.....	6
Conserva de dedos.....	9
Ensinando História para compreender cidadania.....	10
Uma receita para educar.....	12
Que tipo de professor é você ?.....	14
Convivendo com as diferenças.....	16
Aplausos.....	19
Formação continuada.....	20
Ser professor.....	22
Histórias.....	23
Peguei no ato da bagunça! Hum?.....	24
Não pode falar!.....	26
Como é mesmo o nome do cara?.....	28
A física da vida.....	30
O diferente é errado?.....	33




Sumário

Aconteceu naquela tarde chuvosa.....	34
Mas, minha mãe é o meu pai.....	36
Avaliação.....	38
Minha primeira viagem.....	40
Resultado.....	42
Não desista!.....	44
Sala trezentos e cinco.....	46
Simple gesto.....	48
Era uma vez um menino da Quinta Série.....	50
Reabrindo nossa biblioteca.....	52
Postagens.....	54
O amigo!.....	56
Vitória e o <i>Bullying</i>	57
O terceiro passo.....	58

Contando um pouco da história

Apresentação



Era uma vez um PIBID...

Os textos aqui apresentados têm a ver com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da CAPES, uma política pública sonhada há bastante tempo e, então, cuidada e acalentada com todo o empenho pelos professores coordenadores na Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Inicialmente, éramos em torno de oitenta e passamos a mais de cento e cinquenta, com diferentes licenciaturas participando do projeto, em sua segunda edição. Às licenciaturas de Química, Física, Biologia, e Matemática, acrescentamos Letras Português, Letras Espanhol, Letras Inglês, História, Pedagogia e Artes Visuais.

As ações constituíam-se diferentes a cada semana e em cada subprojeto, mas uma costura de atividades articulava o trabalho de escrita, segundo a visão de que, por ela, se configura e se refigura a realidade. Cada um dos participantes, então, escrevia uma história de sala de aula. Aquela que lhe vinha à cabeça naquele mês ou aquela que lhe era solicitada a partir de um início. E isso era postado em um ambiente virtual, podendo ser lido por todos os participantes. Cento e cinquenta bolsistas a escrever histórias por dois anos. Nem tudo resultou em histórias e muitas das escritas são intensos relatos de sala de aula vivenciados por esses professores e alunos.

Os textos apresentados contam, assim, a história deste trabalho, do PIBID-FURG, de salas de aula, especialmente aquelas onde licenciandos, professores e alunos vivenciaram e se constituíram professores durante o trabalho do PIBID. Histórias de si e de outros, que fazem pensar a respeito da importância de ser professor.

De repente, uma ideia: fazer um álbum! Isso teve a ver com a chegada do PIBID Artes Visuais no grupo. Não se sabe ao certo de quem foi a ideia, mas ela foi tomando feitiço. No final do ano, quando nos reunimos todos para avaliar o trabalho, cada um dos participantes escolheu dois de seus registros para integrarem um processo de seleção. De trezentos registros, seriam escolhidas apenas trinta.

Ilustradores e convidados participaram da seleção das escritas escolhidas para compor este álbum. Quando as ilustrações ficaram prontas, aspectos relativos à boa execução das mesmas tais como: diagramação, conceito dos desenhos, unidade, harmonia, composição e cor foram avaliados por especialistas da área.

A publicação apresenta uma diversidade de temas que pode suscitar muitos debates relativos à educação e à formação de professores. Estão presentes questões socioeconômicas, de ética, de gênero. Também constituem focos de abordagem a valorização do interesse pela produção do conhecimento e a autocrítica do educador quanto a sua presunção de detentor do saber. Ou seja, há uma riqueza nos textos que destaca o êxito do programa, por um lado e, por outro, indica os desafios que permanecem tanto para os gestores do ensino quanto para os que lidam diretamente com os alunos em sala de aula.

Eis um pouco da história deste Álbum do PIBID- FURG, um trabalho que, esperamos, inspire outras atividades a serem contadas e possa dar vazão a outros modos de expressá-las. Que este trabalho promova o pensar sobre a sala de aula como lugar de presença, acolhimento, afeto e participação! Agradecemos a todos os contadores de história, a todos os ilustradores, a todos os coordenadores, a todos os participantes do PIBID FURG! E desejamos boas contações de histórias de sala de aula!

Maria do Carmo Galiazzi

Vivian da Silva Paulitsch

O MENINO E O PASSARINHO

Em uma bela tarde de sol, a professora chega à escola rural onde trabalha e decide trabalhar conteúdos relacionados ao Dia Mundial do Meio Ambiente¹ com uma turma de quinta série. Embora leccione a disciplina de história, ela sempre aborda os mais variados assuntos, quase sempre a pedido dos próprios alunos. A turma tem vinte e nove alunos, quase todos moradores da região, e quase todos com os mesmos hábitos e costumes de uma comunidade rural.

Ao chegar à sala de aula, como de costume, a professora diz:

– Boa tarde, gurizada! Tudo bem? Tudo tranquilo?

– Boa tarde, “sora”! – gritam os alunos, em coro.

E a professora começa seu trabalho:

– Bem, para começar a aula hoje, gostaria que vocês respondessem à pergunta que vou colocar no quadro: o que é meio ambiente?

Como sempre, todos começam a falar juntos:

– São os animais, as plantas, os rios...

– Isso mesmo! – responde a professora, prosseguindo:

– Meio ambiente é tudo que está ao nosso redor: passarinhos, plantas, animais, enfim, tudo aquilo que a natureza nos oferece de mais belo. – E segue com outra pergunta:

– Vocês acham que ela está bem cuidada? Por quê?

Quase de modo unânime, os alunos respondem:

– Nãooooo!

E começam a listar uma série de problemas verificados no meio ambiente, desde a poluição dos rios até o aquecimento global.

Após complementar as respostas dos alunos, a professora avalia ser errado que alguns meninos da própria comunidade usem estilingue para matar passarinhos, por pura diversão; enfim, que é uma brincadeira de mau gosto. Alguns alunos relatam que já viram alguém fazer isso, alguns dizem que já fizeram, mas que não farão mais. Para surpresa geral, contudo, um aluno que praticamente nunca participa das aulas levanta a mão e diz:

– A senhora fala isso porque nunca passou fome!

A professora leva um choque, fica sem reação e argumento. E o aluno segue:

– Lá em casa, quando a gente não tem o que comer, minha mãe manda o meu irmão e eu matarmos passarinhos quero-quero para o almoço. E é uma carne boa.

A partir de então, a professora pensa seu trabalho escolar de modo diferente, pois, ao abordar assuntos assim tão estruturantes, considera o ponto de partida dos alunos, a realidade deles.

1. N. E. - O Dia Mundial do Meio Ambiente é 5 de junho.



Autor: Verônica Canteiro Silveira
Ilustrador: Anderson Mendonça

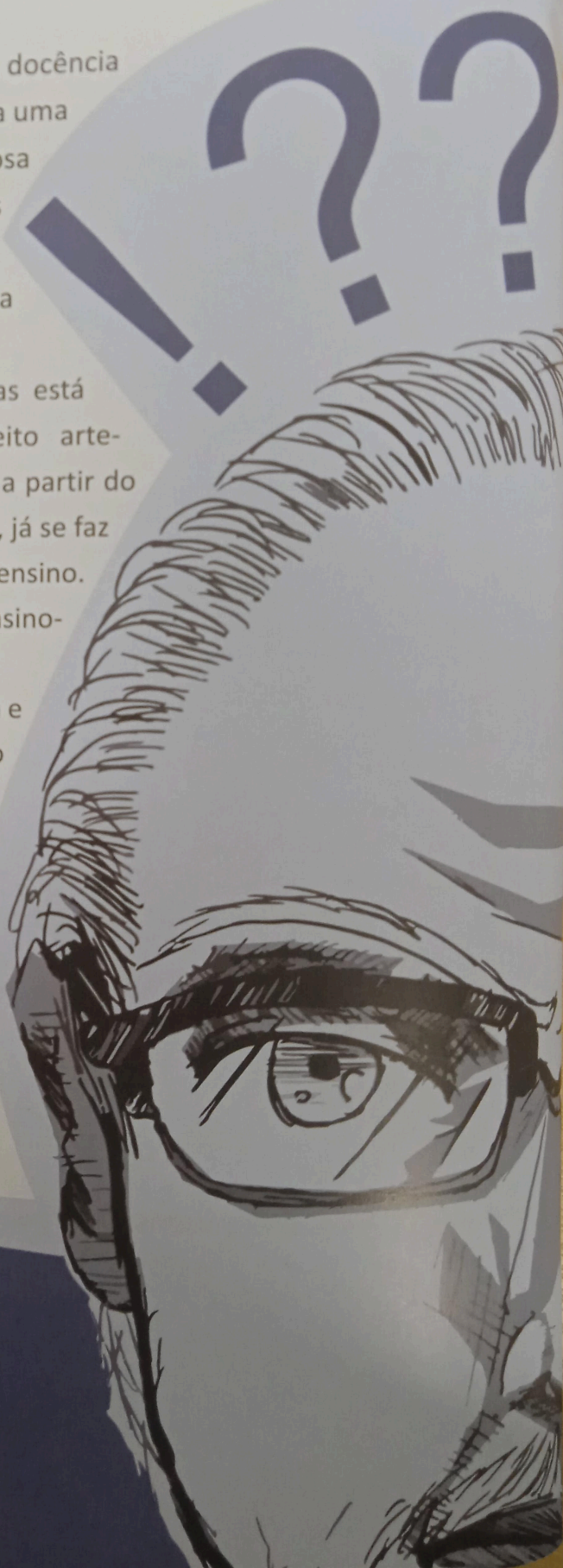
Experiência pré-docente

Ao fazer minhas observações nas turmas do ensino médio de uma escola trago indagações com as quais me deparei no ambiente escolar, onde atuei no Pibid. São barreiras já vencidas pela instituição e pelo corpo docente.

Talvez, por estar em uma situação de iniciação à docência diferenciada dos demais acadêmicos pré-docentes, eu tenha uma perspectiva muito favorável e mesmo uma leitura tendenciosa acerca desse novo espaço escolar. Dificuldades metodológicas e de estrutura, antes vistas em um outro colégio, nesta, tornaram-se propostas aplicáveis nessa instituição.

Acredito que a experiência de mergulho nas escolas está sendo importante para minha constituição como sujeito arte-educador. Por meio deste relato, procuro deixar claro que, a partir do momento em que se participa de um ambiente educacional, já se faz parte da construção desse espaço e de suas propostas de ensino. Não há como negar participação no processo de ensino-aprendizagem.

Desde que me comprometi com a professora da escola e com os alunos, percebi que me tornei parte da construção do aprendizado desses alunos e de suas experiências escolares. Muitos processos significativos de aprendizagem foram mobilizados, pois, no momento em que entramos na sala de aula, já estamos concebendo uma relação professor/aluno e, também, uma prática avaliativa.



na escola

E como não falar sobre avaliação, quando integramos o ambiente escolar, já que construímos relações dentro desse espaço? A prática avaliativa é um processo quantitativo, ainda erroneamente aplicado de forma engessada e cartesiana.

Nas propostas da disciplina do ensino de Arte, procuramos nos valer de outras maneiras e formas de avaliar, de acordo com o processo de criação, produção e finalização. Já que, conforme entendo, as metodologias de avaliação da escola hoje, ainda, são as mesmas adotadas por escolas e professores antigos, creio que não se possa mais fazer uso desses métodos nas instituições de ensino da sociedade atual.

Minhas reflexões acerca dos processos avaliativos resultam da experiência advinda da prática docente. As inquietações aumentam na medida em que percebo o quanto tal cultura está entranhada no processo de ensino-aprendizagem, ainda hoje, tão vinculada a um suposto rendimento. Como romper com esta cultura mecanicista? Qual o caminho para se alcançar um processo metodológico de avaliação qualitativa que aponte a aquisição do conhecimento como algo construído a partir do contexto no qual o educando está inserido?

Dessa experiência, levo a vontade de propor novas possibilidades metodológicas no desenvolvimento dos processos pedagógicos de ensino-aprendizagem, no que diz respeito ao ensino de arte.

Autor: Vinicius da Costa Rocha
Ilustrador: Diogo Soares Dornelles



Autora: Kamila Fidalgo Remboski
Ilustrador: Alexander Lavoura de Mattos

Conserva de dedos

No primeiro dia de visita à sala de aula, ouvi uma conversa entre três alunos da quinta série, que achei muito engraçada e merece ser registrada.

No decorrer da aula, a professora propôs uma atividade de escrita aos alunos. Ela pediu para que eles fizessem uma carta de apresentação e entregassem a mim e ao meu colega. No término da atividade, duas irmãs, que sentam juntas na sala de aula, recortavam suas folhas, quando, de repente, um menino que senta à frente de uma dessas alunas ameaçou colocar o dedo entre as lâminas da tesoura de uma delas e a outra menina disse:

– Corta mesmo!

Imediatamente, a irmã se pronunciou:

– Não sou assassina! – ao que o aluno respondeu:

– Tu achas que ias me matar, cortando-me o dedo?

– O que tu não sabes é que eu tenho uma conserva de dedos na minha casa e até o dedinho do Lula esta lá! – brincou ela.

Fiquei extremamente surpresa com a resposta da aluna, pois foi irônica, inteligente e de fato eu não esperava ouvir algo assim de uma criança de onze anos.



ENSINANDO HISTÓRIA PARA COMPREENDER CIDADANIA

Era uma vez uma escola situada no meio rural de um determinado município. Nela, havia alunos que ansiavam por novidades nas suas aulas de história.

Foi então que um grupo de estudantes da universidade local resolveu criar uma atividade, por meio da qual eles pudessem mostrar o quanto são partícipes da história, aproveitando o presente.

Depois de muito planejamento, esses estudantes de licenciatura foram colocar em prática o que estava programado. Ao chegar com a proposta na escola, os alunos sentiram-se maravilhados. Foi-lhes dito que seriam realizadas eleições similares às que estavam acontecendo no país: para presidente, para governador, para senador e deputados, com o objetivo de idealizar melhorias para aquela localidade, onde os estudantes viviam. Inúmeras propostas foram sugeridas; entretanto, um dos estudantes levantou-se e disse:

- Professores, até podemos fazer essa atividade, mas creio que nada mudará porque nosso país e nossa cidade estão em descrédito. Não acredito mais em política!

Ao ouvir isso, os futuros professores – acadêmicos da FURG¹ – ficaram perplexos com tamanha negação de cidadania. Foi então necessário argumentar com esse estudante sobre o seu dever de cidadão:

– João, sabemos que a política no nosso país está um caos, mas, de que adianta cruzarmos os braços e ficarmos apenas reclamando do que vemos nos noticiários? Devemos exigir os nossos direitos. Vou te lembrar de um episódio da história de nosso país, quando derrubamos um presidente corrupto do poder: já ouviste falar no movimento dos "caras-pintadas"?

– Sim! – respondeu João.

– Pois é, quando um povo luta pelos seus desafios, a realidade acaba se transformando. Então, não podemos desacreditar na nossa força, nos nossos deveres de cidadãos. Nossos direitos e deveres começam dentro da própria casa e se expandem aos espaços públicos, como a escola.

Todos os demais alunos concordaram. Várias propostas de melhoria para a localidade foram geradas, desde pavimentação, transporte,

policciamento, enfim, necessidades gerais e básicas. João foi um dos mais entusiasmados para colocar suas ideias no plano.

Ao final da atividade, foram feitas as eleições. Adivinhe qual grupo foi eleito? Acertou quem pensou no grupo do João. Dele mesmo! Saíram-se extremamente bem, apresentaram as melhores propostas e ele foi o que teve mais desenvoltura para argumentar sobre as sugestões, o que agradou muito aos eleitores, ou seja, aos demais estudantes integrados na atividade. Moral da história: a cidadania é construída constantemente e a escola é um dos mais interessantes ambientes para exercitá-la.

1. Furg - Universidade Federal do Rio Grande (RS).



Uma Receita Para Educar

Quando minha irmã, aos vinte e poucos anos de idade, começou a trabalhar como professora, foram-lhe dadas várias turmas do horário vespertino de uma escola municipal. Os alunos, em sua maioria, eram adolescentes e jovens acima de dezesseis anos.

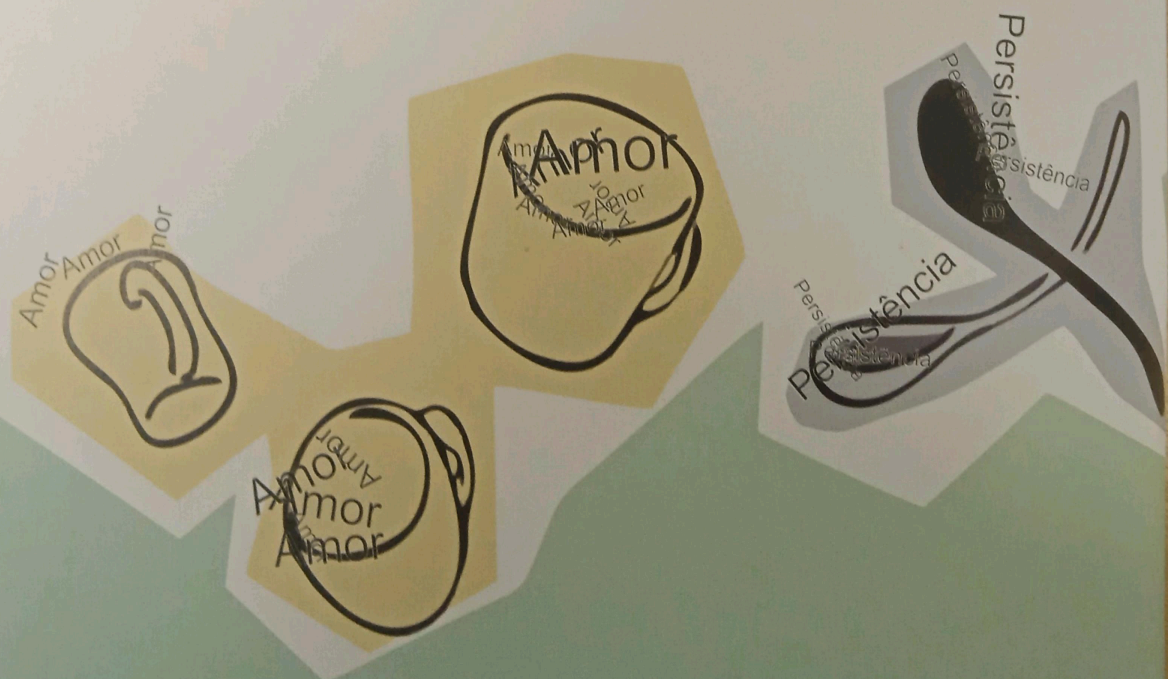
Eram turmas difíceis para uma jovem que iniciava sua carreira profissional. Ao mesmo tempo, por ser praticamente da mesma idade dos alunos, minha irmã conquistou excelentes amigos.

Entre as dificuldades encontradas, havia uma adolescente de quinze anos que incomodava os professores, levando-os quase à loucura. Então, quando chegou minha irmã, nova na escola e ainda tão jovem, a aluna procurou intensificar o incômodo nas aulas de língua portuguesa.

A menina descarregava revolta, usava palavras impróprias para o contexto de sala de aula e tinha atitudes inaceitáveis, de modo que desafiava a professora o tempo todo.

No início, minha irmã levou um susto e tentou ser rígida com a menina, conforme os demais professores, mas, da mesma forma que acontecia com os outros, a rigidez não surtiu efeito.

Repentinamente, ela teve a ideia de dar destaque à menina, elogiando-a e solicitando-lhe várias atividades de cooperação durante as aulas, tais como: apagar o quadro, pegar algum material na secretaria, preservar o silêncio na sala, quando ela, professora, precisava sair.



A princípio, a menina tentou rebelar-se, mas, aos poucos, diante da insistência da professora, ela foi se acalmando. A mudança da aluna foi tanta que deixou professores, colegas de aula e direção admirados com o que acontecia.

Minha irmã foi chamada em uma reunião com seus colegas, a fim de passar a receita usada para tal transformação daquela aluna, que ninguém aguentava mais.

A professora não hesitou e ditou a receita para os colegas: “uma colher bem cheia de paciência, duas colheres de persistência e três xícaras de amor”.

Até os dias de hoje, vinte e poucos anos depois, minha irmã conserva uma bela amizade com sua ex-aluna, que agora é uma ótima profissional.

Autora: Rosá Cristina Madruga de Souza

Ilustrador: Diogo Soares Dornelles

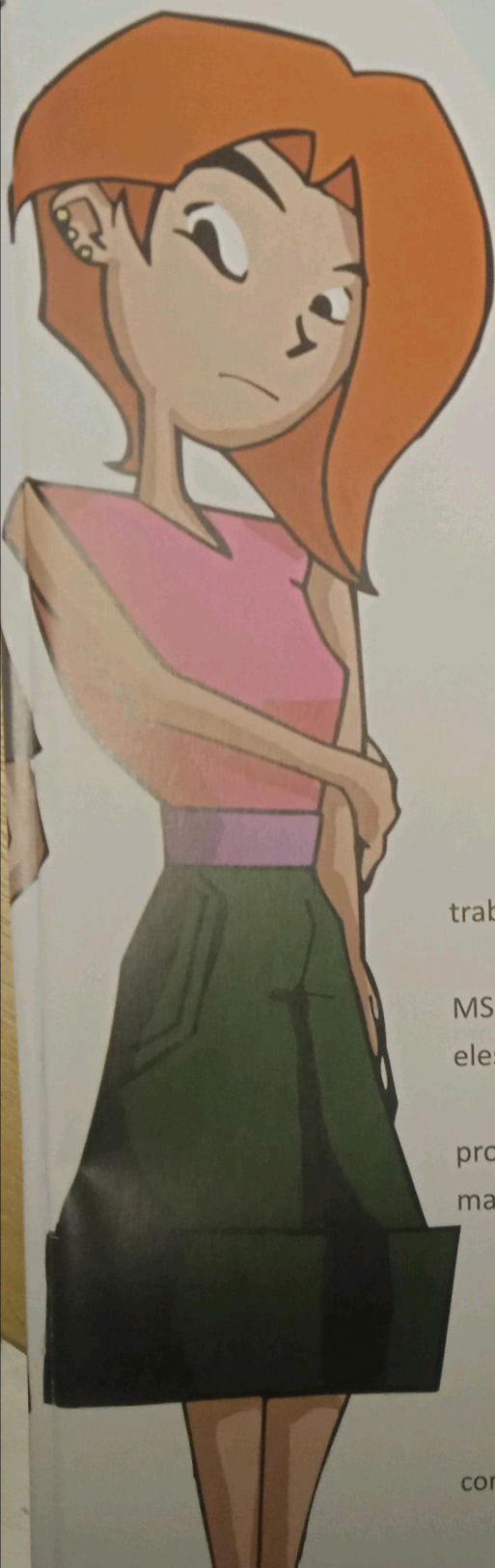


Que tipo de professor é você?

No alto dos meus vinte anos, lá estava eu, dentro da sala de aula, ensinando, entre outros, adolescentes que eram apenas quatro anos mais novos que eu. Por esse motivo, minha linguagem não era muito diferente da deles.

Antes mesmo de eu começar meu estágio naquela sétima série, fui confundida com uma nova aluna. Então, uma maneira que encontrei de me aproximar deles foi usando os mesmos meios de expressão. Mas me criticaram por falar como eles e fui considerada uma professora muito informal dentro da sala de aula. .





Será que realmente chamar os alunos de “galera” afetaria a qualidade do trabalho pedagógico? Eu consegui o respeito deles, disso tenho certeza.

Quando terminei meu estágio, por exemplo, uma aluna me chamou ao MSN para dizer que sentia saudades, que gostava do jeito que eu falava com eles e que a professora regular fala “que nem velho”.

E agora, como lidar com essa questão? Devo adotar uma posição de professora distanciada dos alunos ou posso muito bem ser amiga deles e ainda manter o respeito?

Autora: Melissa Orlandin Nunes
Ilustrador: Sandro Kisner

N. E. – MSN: Abreviatura de *messenger*, do inglês, mensageiro. Sistema de comunicação *online* mundialmente usado, criado pela empresa Microsoft.

Convivendo com as diferenças

Na sala de aula, assim como em qualquer ambiente, ocorrem situações de discriminação. É necessário reconhecê-las e discuti-las.

Tenho um aluno cujo comportamento é um pouco diferente dos demais. Ele é nervoso, às vezes se mostra impaciente e apresenta algumas dificuldades. Nessa turma, em maioria, os alunos estão juntos há mais de três anos, então já conhecem as limitações do colega, o menino que conheci apenas neste ano. Observo que alguns ainda implicam com ele e não têm paciência, mas a maioria o entende.

Observo que a vontade de aprender do menino é muito maior que suas dificuldades.

Ele presta atenção, participa das atividades, faz perguntas, enfim, interage positivamente durante as aulas. É gratificante trabalhar com ele, contribuir para seu crescimento e constato, mais uma vez, que a escola pode ser também um espaço para aprender a resolver conflitos e lidar e conviver com as diferenças.

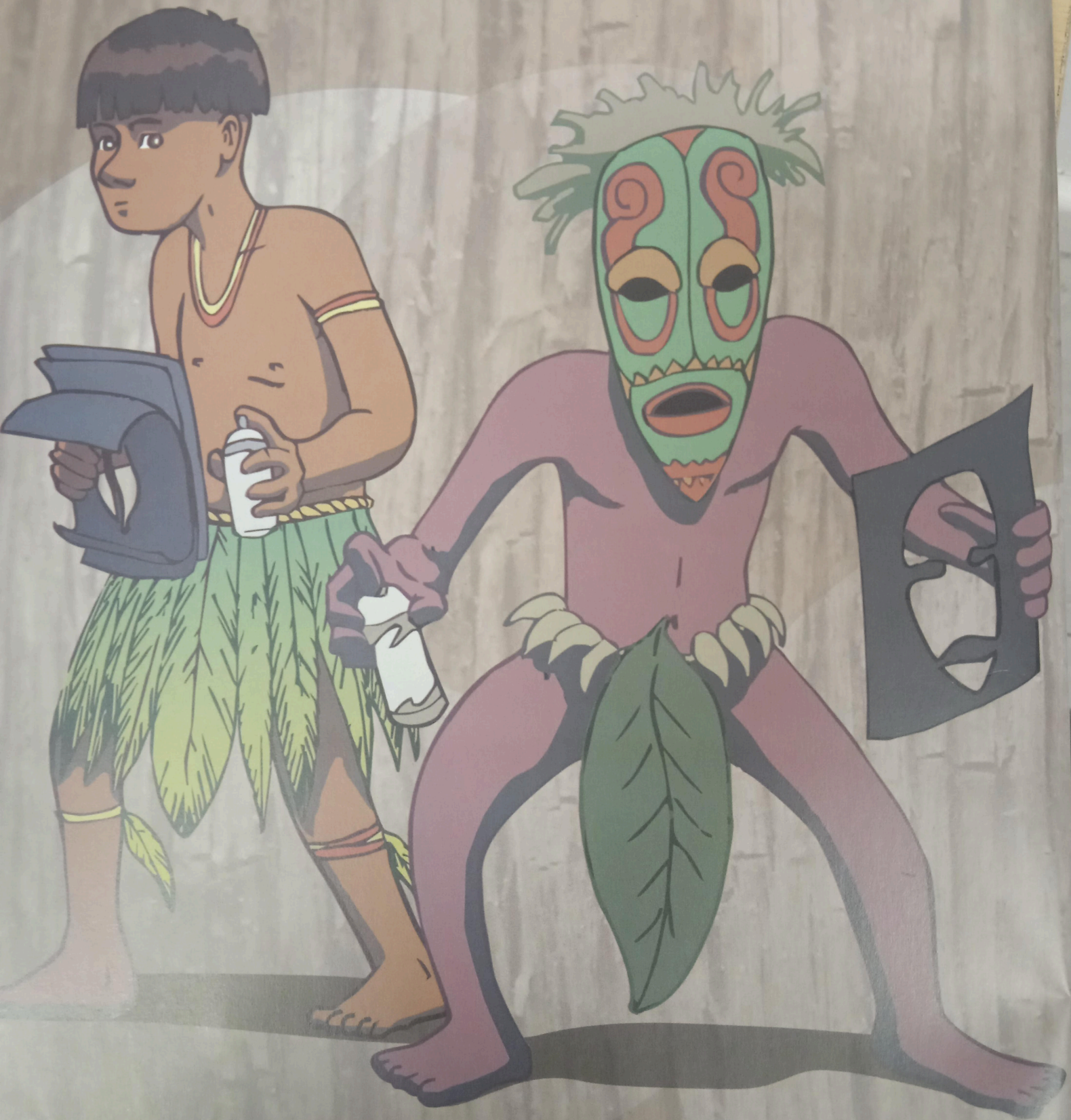


Autora: Ângela Dantas

Ilustrador: Sandro Kisner







APLAUSOS

Nestes tempos ditos modernos, quase todos vivemos em uma intensa correria. Quando falta tempo para fazermos o que devemos, fazemos tudo rapidamente, de modo cronometrado. O fato é que tempo quase nunca sobra. São poucas as horas de sono, muitas de trabalho e mais ainda de gastos dos neurônios. Temos de fazer trabalhos, estudar para provas e, ainda, organizar as oficinas a serem aplicadas em sala de aula.

Muitas vezes, não queremos parar o que estamos fazendo, ou queríamos fazer, para preparar uma aula que corre risco de nem ser aceita pelos alunos. Tem hora que queremos abandonar tudo. A última oficina que nosso grupo aplicou foi de estêncil. Relacionamos essa técnica com a cultura indígena e africana. Como? Levamos os moldes com símbolos indígenas e africanos para que os alunos cortassem e passassem tinta guache por cima para que fosse feito, de fato, o estêncil.

Lá andávamos nós pela escola, cheios de sacolas com os materiais para a oficina, chamando à atenção os alunos, é claro, pois eram tintas pra lá e pra cá. Durante a semana da oficina, observamos o interesse e entusiasmo deles pela técnica. Diziam: “trimassa!”. Contudo, sabemos que nem sempre vamos agradar a todos. Convém observar que as oficinas são aplicadas no segundo ano do ensino médio, para adolescentes de faixa etária entre dezesseis e dezenove anos.

Na sexta-feira, já na última turma, último período e último dia da aplicação da oficina, anunciamos, assim como em outras turmas, que aquele seria o nosso último dia na escola e que estaríamos nos mudando em função de esquemas burocráticos. Com ar penalizado, alguns exclamaram:

– Ahhhh!

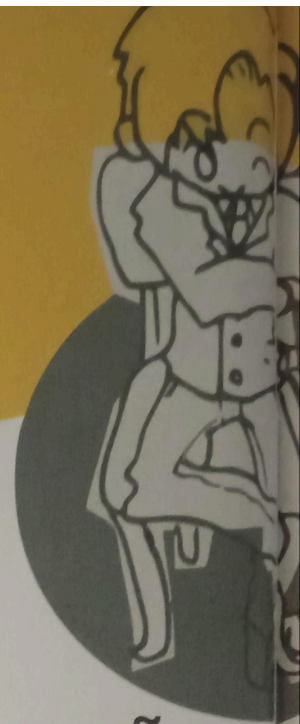
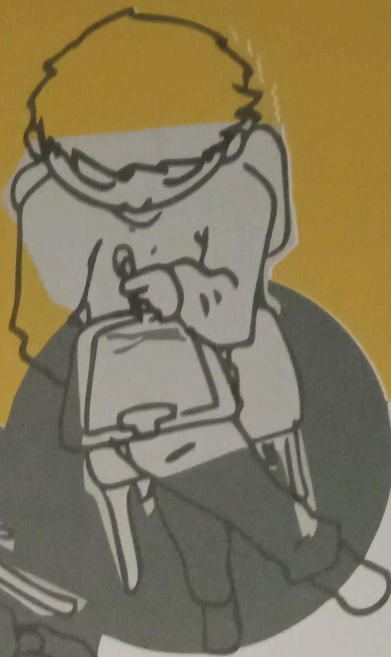
De repente, sem ninguém dizer nada, começaram a bater palmas. Foram aplausos e aplausos a nós, bolsistas do Pibid das Artes Visuais. Senti imensa alegria e tive a impressão de que todo o nosso esforço, a correria, os riscos e o cansaço físico e mental valeram. Nosso trabalho foi reconhecido sem que precisássemos expor nosso desejo de uma avaliação positiva. A esperança aflora novamente, bem como a vontade cada vez maior de levar ao outro alguma semente de interesse pelo conhecimento e pela criação.

Autora: Roberta Bastos

Ilustrador: Anderson Mendonça

Autora: Daiane Souza dos Santos

Ilustrador: Diogo Soares Dornelles



Formação

Era uma vez um professor de nome Manoel que percebeu um aumento considerável de reprovação na disciplina que lecionava. Preocupado, questionou-se sobre o que poderia estar errado e, dessa forma, resolveu buscar alternativas para melhorar seu trabalho. Ao encontrar-se com seu velho amigo Pedro, também professor, de outra escola, deu início à conversa:

– Já não sei o que fazer! Explico, explico, explico, dou até uma lista de exercícios para resolverem e nada de os alunos conseguirem entender os conteúdos escolares!

– Calma, Manoel, estive em situação parecida um tempo atrás e foi então que percebi que deveria me atualizar.

– Como assim? Atualizar-me?

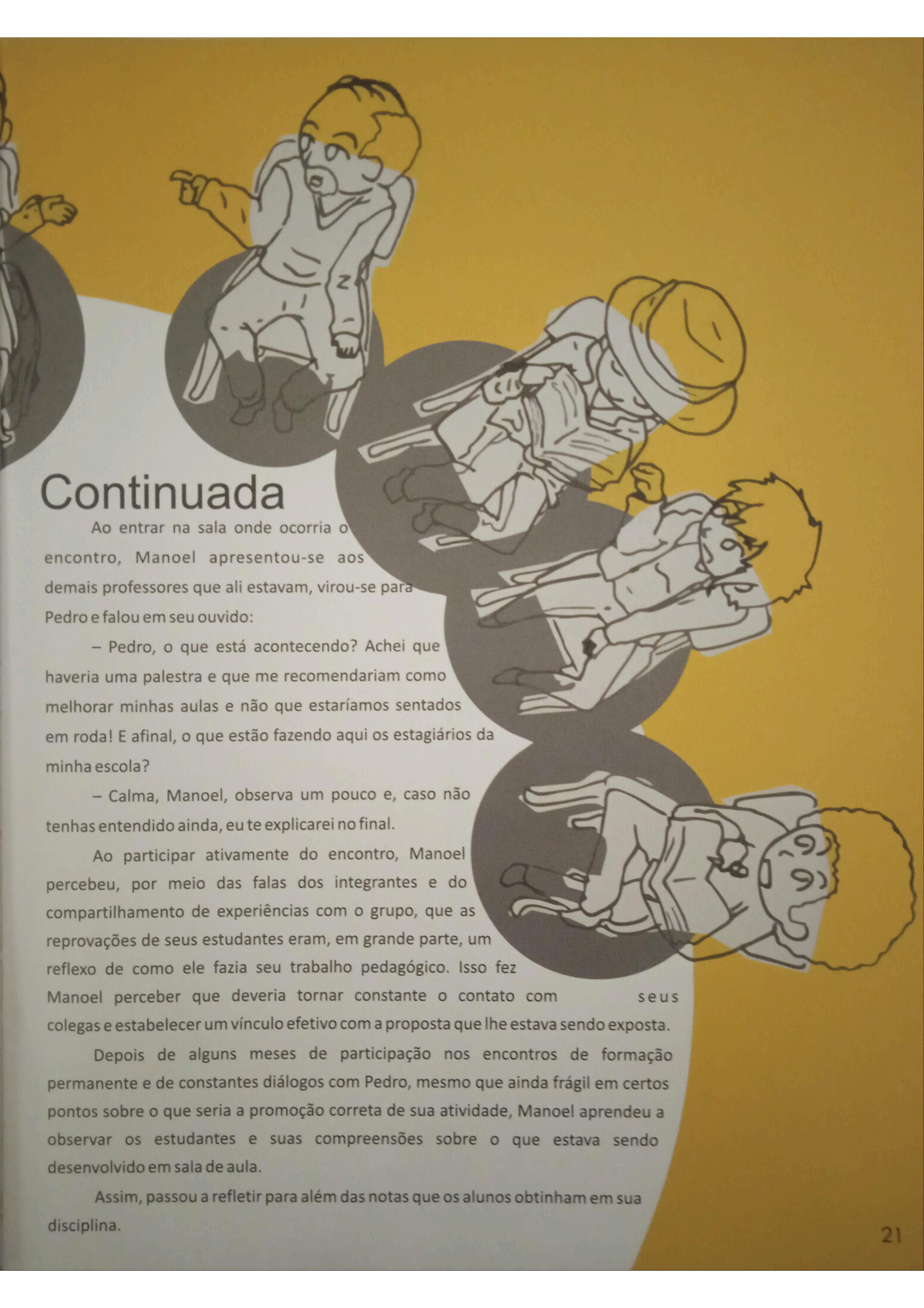
– Ora, não é pelo fato de já estarmos com o diploma e trabalhando que devemos parar no tempo, meu velho. O ensino deve ser constantemente repensado. Por isso, talvez pudesses ficar contente que esta situação tenha te ajudado a perceber essa necessidade.

– Tá legal, mas ainda não me disseste como devo me atualizar.

– Bem, vou te apresentar ao grupo de formação permanente que frequento, para que vejas com teus próprios olhos o quanto estávamos estagnados, e deixar para que tu mesmo percebas as diversas possibilidades para resolver o problema que te preocupa.

Na semana seguinte, após receber um telefonema de Pedro indicando o horário e local para o encontro, Manoel dirigiu-se para lá. Muitas perguntas passavam pela sua mente, mas a que mais o preocupava era como conseguir reverter as reprovações de seus alunos.



The page features several stylized line drawings of people in circular frames. One person is pointing, another is wearing a hat and looking down, and others are in various poses, some appearing to be in conversation or looking at something off-camera. The background is a solid yellow color.

Continuada

Ao entrar na sala onde ocorria o encontro, Manoel apresentou-se aos demais professores que ali estavam, virou-se para Pedro e falou em seu ouvido:

– Pedro, o que está acontecendo? Achei que haveria uma palestra e que me recomendariam como melhorar minhas aulas e não que estaríamos sentados em roda! E afinal, o que estão fazendo aqui os estagiários da minha escola?

– Calma, Manoel, observa um pouco e, caso não tenhas entendido ainda, eu te explicarei no final.

Ao participar ativamente do encontro, Manoel percebeu, por meio das falas dos integrantes e do compartilhamento de experiências com o grupo, que as reprovações de seus estudantes eram, em grande parte, um reflexo de como ele fazia seu trabalho pedagógico. Isso fez Manoel perceber que deveria tornar constante o contato com seus colegas e estabelecer um vínculo efetivo com a proposta que lhe estava sendo exposta.

Depois de alguns meses de participação nos encontros de formação permanente e de constantes diálogos com Pedro, mesmo que ainda frágil em certos pontos sobre o que seria a promoção correta de sua atividade, Manoel aprendeu a observar os estudantes e suas compreensões sobre o que estava sendo desenvolvido em sala de aula.

Assim, passou a refletir para além das notas que os alunos obtinham em sua disciplina.

SER PROFESSOR

O que é ser professor? Seria somente chegar à sala de aula e dar matéria, exercícios, aplicar e corrigir provas? Por um momento, na vida, cheguei a acreditar que sim, sobretudo quando ainda era aluna. Agora vejo que é bem diferente.


Ao observar as aulas na escola, percebo que o professor não exerce apenas a função de transmitir conhecimento. Ele é também educador, motivador, ouvinte; às vezes, conselheiro, psicólogo e, inúmeras vezes, amigo dos alunos.

Acredito que esses fatores tornem a docência muito mais difícil, porém, ao mesmo tempo, mais gratificante e prazerosa. Saber que somos – ou fomos – parte da vida e da educação de alguém, que podemos ter marcado a vida de uma pessoa é motivador e isso me encanta.

Não vejo a hora de deixar de ser apenas observadora e começar a exercer a linda profissão que escolhi. Não vejo a hora de me tornar professora e tentar fazer o melhor que eu puder para os meus alunos! E você, “pibidiano”¹, quais as suas expectativas em relação à profissão que escolhemos?

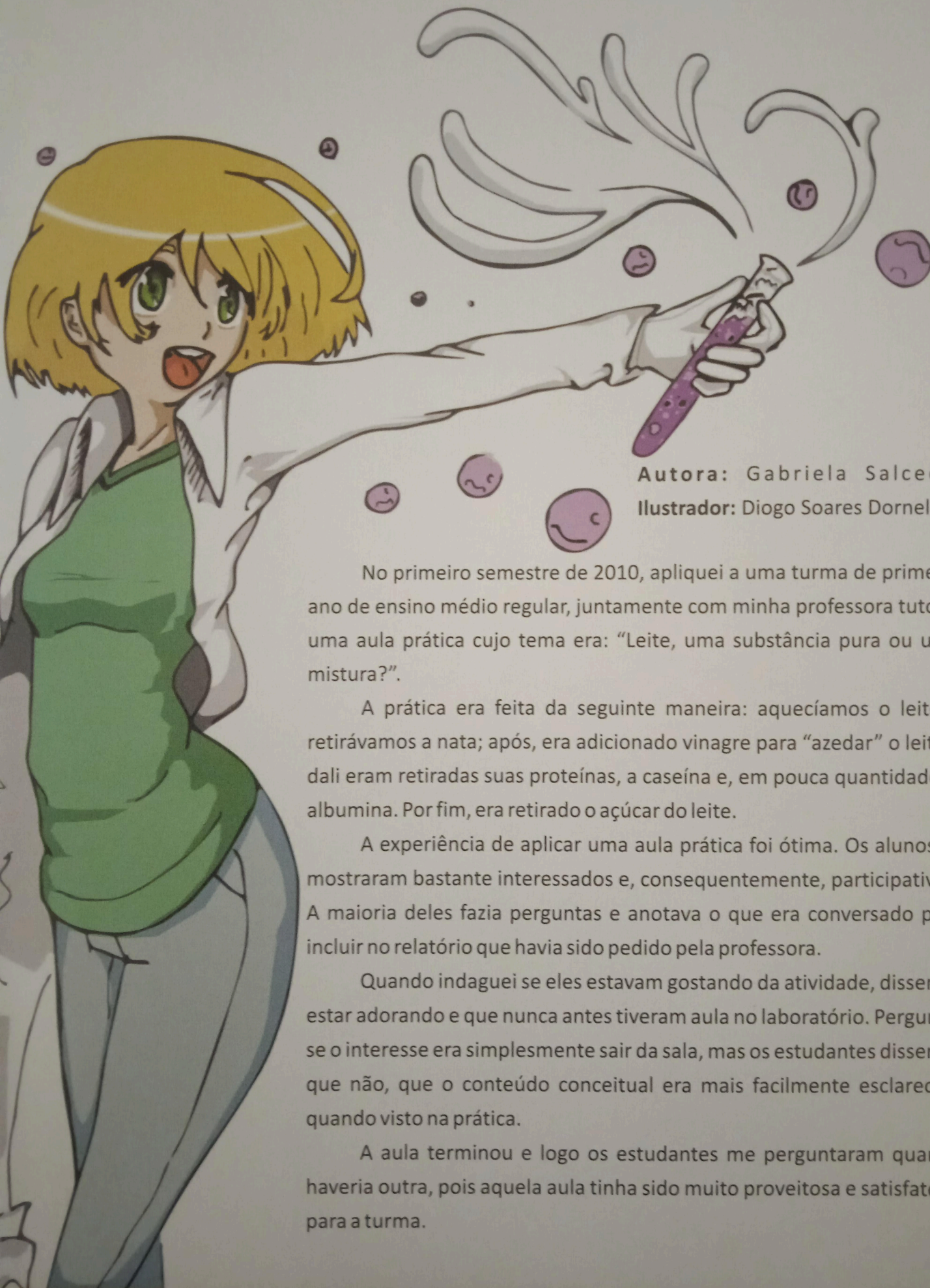
1. “pibidiano”: o termo refere aos participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

Autora: Camila de Oliveira
Ilustrador: Anderson Mendonça



PIBID

Histórias



Autora: Gabriela Salcedo
Ilustrador: Diogo Soares Dornelles

No primeiro semestre de 2010, apliquei a uma turma de primeiro ano de ensino médio regular, juntamente com minha professora tutora, uma aula prática cujo tema era: “Leite, uma substância pura ou uma mistura?”.

A prática era feita da seguinte maneira: aquecíamos o leite e retirávamos a nata; após, era adicionado vinagre para “azedar” o leite e dali eram retiradas suas proteínas, a caseína e, em pouca quantidade, a albumina. Por fim, era retirado o açúcar do leite.

A experiência de aplicar uma aula prática foi ótima. Os alunos se mostraram bastante interessados e, conseqüentemente, participativos. A maioria deles fazia perguntas e anotava o que era conversado para incluir no relatório que havia sido pedido pela professora.

Quando indaguei se eles estavam gostando da atividade, disseram estar adorando e que nunca antes tiveram aula no laboratório. Perguntei se o interesse era simplesmente sair da sala, mas os estudantes disseram que não, que o conteúdo conceitual era mais facilmente esclarecido quando visto na prática.

A aula terminou e logo os estudantes me perguntaram quando haveria outra, pois aquela aula tinha sido muito proveitosa e satisfatória para a turma.



Peguei no ato da bagunça! Hum?

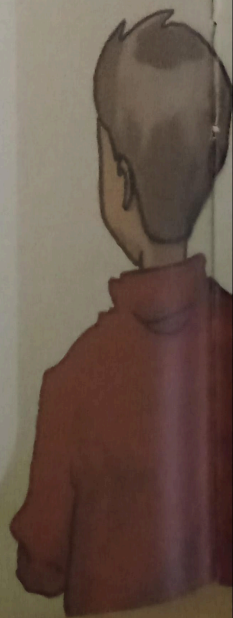
Em uma quarta-feira, deixei a turma sozinha por uns instantes e fui à coordenação buscar papel a metro, cartolina e mais alguns materiais para continuar as atividades de aula. Quando voltei, encontrei a sala fechada e a luz desligada. Meu coração se acelerou, enquanto eu pensava no que poderia ter acontecido naqueles dois minutos em que estive fora. Assustada, abri a porta e acendi a luz, então escutei um coro em voz altíssima:

– Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!

Com os olhos cheios d'água e com as bochechas fervendo de vergonha, abracei um por um, pedindo desculpas aos alunos. Realmente, não esperava tamanho carinho, afinal meu aniversário era no sábado e, como não tínhamos aula na quinta e na sexta...

Essas crianças me surpreendem a cada dia!

Autora: Andriara Nunes Nunes
Ilustrador: Alexander Lavoura de Mattos



Parabéns!
Sora



Não pode falar!





Era uma vez, em uma escola não tão distante, uma professora que não admitia que conversassem em suas aulas. Nenhuma fala era admitida. Nem com ela e muito menos entre os alunos. Todo dia era a mesma coisa. A professora chegava à sala de aula e a turma se calava. O semblante de todos era de pavor. Até a respiração era controlada. A aula era tradicional. Livro didático era bíblia. Nada entrava ali, além de giz, apagador e o livro didático. A professora tinha o sádico prazer de encher o quadro com conteúdo. Cada pulso dolorido era um presente para a dita professora. Num belo dia, a professora entrou e não foi diferente, a turma se calou. Todos com a mesma fisionomia de medo. A aula era a pior – nos dois sentidos.

A rotina se interrompeu quando um aluno falou “Professora!”. Ela o mandou calar a boca e continuar copiando. A professora nem se virou, continuou escrevendo, mas surgiu um barulho de água caindo no chão. O aluno fez xixi em sala de aula. O curioso foi que ninguém riu. Todos sentiram pena do menino, pois, teria acontecido com qualquer um.

Naquele momento, a professora ficou calada.

Autor: Henrique Magalhães Meneses.

Ilustrador: Alexander Lavoura de Mattos

Como é mesmo o nome do cara?

Estava eu em sala de aula com meus amados alunos, trabalhando sobre o tema "Fundação da cidade de Rio Grande". Com todos os detalhes que então me eram possíveis, eu lhes contava como o fato histórico ocorreu. Quando me referi ao fundador, fiz questão de dizer que a palavra brigadeiro se referia a um posto ocupado por Silva Paes. Expliquei que seria como o posto de soldado, capitão em outras forças armadas e que o título de brigadeiro era usado para os graduados da Marinha.

Certa de que havia sido bem entendida, segui minha aula, entregando-lhes um exercício que seria avaliado para a disciplina de Ciências Sociais, na modalidade de história.

No decorrer da aula, estava eu corrigindo outra atividade, quando veio a mim um aluno e me perguntou:

– Professora, professora... me ajuda. Como era mesmo o nome do cara?

– Que cara?

– Aquele negrinho...

– Que negrinho, Dionatan?

No mesmo instante, dei-me conta do equívoco e rimos juntos.

– Dionatan, não é negrinho; é brigadeiro.

– Ah, professora, eu sabia que era um doce, por isso logo pensei no negrinho.

Moral da história: de alguma forma eles conseguem associar o conteúdo trabalhado em sala de aula, nem que seja com um delicioso negrinho! Ou seria brigadeiro?

*No Rio Grande do Sul, o doce "brigadeiro" é também conhecido como "negrinho".



A FÍSICA DA VIDA

Em certa ocasião, estava eu dando aulas, quando enfrentei algumas dificuldades. No Ensino EJA¹, é quase impossível trabalhar todos os conteúdos do ensino médio em apenas um ano e meio, então optamos pela famosa "peneirada". Entretanto, o que passaria pela peneira? Como podemos saber o que será útil para a vida de um estudante?

Há um tempo, conversando com um professor, ele disse:

– Movimento retilíneo uniforme (MRU) deveria ser extinto do trabalho pedagógico, pois, atualmente, somente os trens ainda efetuam esse movimento.

Na hora concordei, mas uma experiência me fez mudar de ideia. Quais seriam os meus critérios para ainda incluir o MRU nas aulas? Trata-se de uma matemática simples, que deixa espaço para a física e o raciocínio; em termos de dificuldade, é um conteúdo introdutório para que os alunos consigam captar mais facilmente os outros tipos de movimento.

Estava explicando para o meu aluno o MRU e resolvi citar o exemplo riquíssimo que o professor Mackedanz nos deu em aula. Até para atravessar a rua, pensamos fisicamente. Quando olhamos o carro vindo em nossa direção, observamos a distância que precisamos percorrer e pensamos se "dá ou não dá" para passar. Pensamento físico intuitivo. Meu aluno me olhou com uma cara bem estranha quando falei isso, mas pareceu compreender.

No outro dia, mais à vontade, ele veio até mim e disse que fez um cálculo:

– Quero saber quanto tempo levo para ir de casa ao trabalho, se preciso percorrer dezesseis quilômetros a uma velocidade constante de sessenta quilômetros por hora.

Adorei! Não esperava esse tipo de exemplo tão prático. Ele estava usando a minha explicação para a vida. E já tinha usado antes, pois ele previu um tempo, que após eu calcular, era quase o mesmo.

Às vezes, ignoramos a física da vida. Sim, porque se lembrássemos da bagagem que as pessoas trazem consigo, nosso trabalho seria bem mais fácil e talvez tivesse mais sentido.

É importante que, às vezes, pensemos nisso. Eu penso. E você?

1. EJA: Ensino de Jovens e Adultos.





O diferente é errado?

Outro dia, em uma das aulas que acompanho na escola, fizemos um experimento com os alunos. Deixamos em cima da bancada alguns materiais e pedimos que eles montassem um foguete. Alguns grupos tiveram de ser mais incentivados do que outros, mas um deles já saiu pegando o material e tentando montar.

Para nossa surpresa, a ideia desse grupo foi diferente da nossa, mas, mesmo não tendo trabalhado o conceito que estava presente no experimento, esses alunos tiveram uma base teórica correta.

No decorrer da aula, pensaram que estavam errados, pois viam as demais equipes fazendo de forma diferente. Então, começaram a desmontar tudo e fazer como os outros. Por esse motivo, tentamos convencê-los de que o raciocínio que estavam seguindo anteriormente também estava certo.

É interessante perceber o quanto é difícil para os alunos fazer o diferente, seguir suas próprias ideias. Reconheço que, no início, minha primeira reação foi querer dizer que estavam errados, pois não tínhamos pensado em outra maneira de montar o foguete.

Autora: Grasielle Ruiz Silva

Ilustrador: Diogo Soares Dornelles

ACONTECEU NAQUELA TARDE CHUVOSA

Mais uma semana de aula começava na escola "Brincando se Aprende Mais". O que os alunos não esperavam era a chuva que acabara de começar bem no horário de ir para a escola. Por incrível que pareça, quando somos crianças, não queremos perder nenhuma aula. Lembro dos meus tempos; eu detestava quando chovia, pois, como minha casa ficava um pouco distante da escola, meus pais não tinham como me levar até lá e eu acabava faltando à aula.

Para a felicidade da professora Clara, do terceiro ano das séries iniciais, quatro alunos compareceram nesse dia. Quatro alunos? Só? O que fazer com apenas quatro alunos numa sala de aula?

Antes de dar o sinal, a professora Clara encontrou, nos corredores da escola, a professora Isabel, que lecionava para alunos de oitava série. Ela estava se preparando para levar seus alunos à sala de vídeo, onde assistiriam a um filme sobre geometria e, em seguida, construiriam sólidos geométricos, tais como: hexaedro, octaedro, tetraedro e outros, usando bolinhas de isopor e palitinhos. Assim que as professoras se encontraram, Isabel convidou Clara e seus alunos para assistirem ao vídeo juntos. Apesar da diferença de idades, pois uma turma era de terceiro ano e a outra de oitava série, foi uma tarde super agradável, teve até distribuição de pipocas para os alunos e, o principal, os pequeninos assistiram atentamente ao vídeo e também fizeram desenhos nos cadernos, além de escreverem o nome da figura com a ajuda da professora.

No momento da montagem, ao verem os alunos da oitava série fazendo essa atividade, os demais também quiseram participar. Para auxiliá-los, entregamos o material na mesa deles e, em trabalho coletivo junto com a professora Clara, cada um montou um cubo bem colorido. Ficou uma graça e eles ficaram muito contentes com o trabalho realizado.

Autora: Liliane Antiqueira

Ilustrador: Alexsander Lavoura de Mattos, Anderson Mendonça e Sandro Kisner





Mas, minha mãe é o meu pai

Trimmm... – toca o sinal para o recreio. Entram todas as crianças na sala de aula e se organizam em círculos, conforme a “tia” Ana pede.

– Pessoal! Hoje daremos início a reflexões sobre os textos e gravuras que estão no livro de vocês. Podem abrir os livros na página vinte e quatro?

Todos pegam seus livros e abrem-no na página solicitada.

– Alguém arriscaria dizer qual é o tópico da aula de hoje? Olhem para as gravuras.

Os alunos ficam atentos às gravuras, até que, em determinado momento, Fernanda responde:

– É sobre, pai e mãe, tia.

– E sobre cachorros e gatos também, né, tia? – pergunta Flávio.

– Isso mesmo, pessoal. Falaremos sobre nossas famílias. Com quem moramos, se temos animais de estimação, irmãos...

Todos aparentam estar animados com o tema a ser discutido na sala naquela tarde de sol. Até que, ao longo da aula, a professora percebe que um dos alunos está falando um pouco mais alto do que o devido, tentando explicar para um dos colegas que, na realidade, seu pai é sua mãe.

Com calma e delicadeza, a professora se aproxima do aluno e diz:

– Carlos, explica melhor isso para os colegas. Vamos ver se eles compreendem.

Então, Carlos começa seu discurso, feliz e encorajado:

– Assim, olha: a minha mãe não tem um namorado. Ela tem uma namorada, que é minha mãe e meu pai. Na verdade, as duas são mãe e pai ao mesmo tempo. Elas são um casal. O meu pai, portanto, são as minhas mães.

A turma se entreolhou e em questão de segundos só se ouvia gargalhada dentro da sala treze.

– Rá rá rá, o pai do Carlos é mulher!

Assim ocorreu por um momento, até que a professora pediu que os alunos se sentassem e ouvissem o que ela tinha a dizer.

– Então, pessoal. Eu não vejo nenhuma graça nisso. Temos de começar a refletir que nossas famílias nem se formam de modo convencional. Existem pessoas que moram com seus avós. Existem pessoas que moram apenas com o pai ou apenas com a mãe. Existem pessoas que moram com os dois. E também existem pessoas que têm duas mães ou dois pais. Não podemos rir. Isso se chama preconceito e é feio. O preconceito torna a pessoa feia. Ninguém que ser visto como feio, não é mesmo?

Alguns refletem um pouco e começam a dar palpites:

– Tia, quer dizer que as mães do Carlos são *gays*? É isso?

– É isso mesmo, Pâmela. Carlos, assim como muitas outras crianças, é criado por *gays*. Embora isso não seja tão comum, cada vez mais as pessoas assumem suas singularidades. Tem muita gente querendo educar, dar carinho e amor por aí, e eu diria que Carlos é uma criança de sorte por ter encontrado duas mães tão lindas e atenciosas com ele.

– É verdade, tia. Tem muito moleque aí que vive apanhando, cheio de traumas. Pelo menos o Carlos tá é cheio de amor dentro de casa... – palpitou Jonas.

A aula tomou um rumo diferente, a discussão foi levada tão a sério que os alunos começaram a pesquisar mais sobre gênero e sociedade, de maneira que fosse mais fácil a compreensão de cada um. E, assim, ao longo dos tempos, construímos e reconstruímos as práticas sociais e a nossa leitura da realidade.

Autora: Ornella Dapuzzo

Ilustrador: Diogo Soares Dornelles



Avaliação?

Era uma vez uma menina chamada Isabela, aluna esforçada, que procurava sempre estar atenta em sala de aula. Apesar da sua dificuldade em aprender matemática, estudava muito e conseguia manter-se na média.

Ana Claudia, outra aluna, não gostava de estudar e em geral conversava muito na sala. Ambas, tão diferentes, foram mais um dia para sua aula de matemática: era dia de avaliação!

Chegaram à escola e lá estava a professora, pronta para começar, terminando de arrumar os alunos que chegavam a seus lugares. Em meio a tantos alunos, uns trinta e cinco, a professora pensava:

Hoje vou saber o quanto eles aprenderam desse novo conteúdo!

Mas antes disso, Isabela, que havia estudado até tarde na noite anterior, estava um pouco cansada, ainda mais depois de assistir a mais uma briga de seus pais, que estavam se separando. Já estava cansada de sempre vê-los brigando, ficava triste com a situação, já que ela era a irmã mais velha, com onze anos, e seus irmãos menores ainda não entendiam aquilo tudo direito. Ela estava preocupada, pois precisava de nota boa na prova para não ir a exame. Lá estava ela na sala de aula, esperando pela temida prova.

Ana Claudia não havia estudado. Nem sequer tocou nos cadernos. Na noite anterior, ficou até tarde na internet, acessando o Orkut e falando com suas amigas no MSN, mas ela não estava preocupada, havia sentado bem perto de uma colega que sabia muito da matéria e estava disposta a colar toda a prova. Sem nenhuma preocupação, esperava pela professora que entregava as provas.

Todos receberam as avaliações. Então, começaram a resolver cada item e surgiram muitos olhares de dúvida pela sala de aula tão silenciosa. Buscavam a tão sonhada nota.

Isabela se esforçava para resolver, mas já não tinha tanta certeza, já estava com a mente tão atordoada pelo que havia ocorrido em casa, enquanto Ana Cláudia estava lá se cuidando e driblando a professora, conseguindo colar a prova da colega, sem nem mesmo saber o que estava copiando.

E assim, passadas as duas aulas, terminou a prova e os alunos a entregaram.

Alguns dias se passaram e vieram as notas. Que surpresa! Ana Cláudia foi muito bem, tirou um "nove" e recebeu muitos elogios da professora. Já Isabela foi mal, tirou apenas dois pontos de dez, e a professora pediu mais estudo e concentração.

Será que a nossa professora, em sua avaliação, conseguiu perceber quem aprendeu o conteúdo?

Ana Cláudia e Isabela são exemplos de dois tipos de aluno, com uma situação que se repete cotidianamente.

Dentro de uma sala de aula com trinta e cinco alunos, como queremos que todos aprendam do mesmo modo e deem as mesmas respostas? Como queremos que uma simples prova, na qual colocamos alguns exercícios específicos, responda-nos sobre a qualidade da aprendizagem dos nossos alunos?

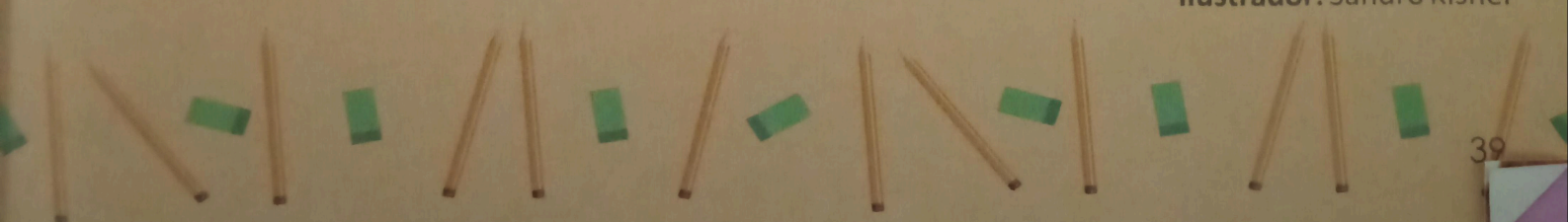
Espero que fique aqui, nesta história, uma oportunidade de repensar a avaliação, sobre como ela é aplicada, na maioria das vezes. Particularmente, defendo uma avaliação progressiva, que observe o crescimento do aluno, avalie-o em diversas situações e que não o avalie somente em uma prova.



Avaliação

Autora: Karine Monteiro

Ilustrador: Sandro Kisner



Minha primeira viagem

Esta história é sobre um garoto que adorava ler livros e tinha uma comunicação muito boa.

Às vezes as pessoas ficavam abismadas ao ver um garoto de dez anos saber tanta coisa e ter mais desenvoltura que muitos adultos. João – é assim que irei chamá-lo. Quando João não estava na escola estudando, estava dentro de uma biblioteca. Era um menino que adorava conversar muito com pessoas mais velhas, mas tinha poucos amigos de sua idade.

A mãe de João não entendia o porquê de ele não brincar com os colegas como toda criança de sua idade. Certo dia, João pediu ao pai que lhe desse um livro de presente de aniversário, mas com a condição de que lhe escolhesse um bom livro. Desde então, quando João chegava da escola, ia direto para o quarto, pois o livro era seu amigo inseparável.

Depois do primeiro pedido ao pai, João pedia somente livros ao invés de presentes, mas seu pai, além de dar o livro, dava-lhe algo mais, porque sabia que ele era apenas um garoto com sonhos de adulto. O pai do garoto adorava ver o filho conversando e se orgulhava muito ao ver que as pessoas se encantavam com João. Em uma ocasião, uma senhora moradora do bairro, vizinha da mãe de João, ao passar na calçada parou o menino e comentou:

– Meu filho, és um garoto de sorte! Podes viajar pelo mundo, conhecer coisas novas! Como eu gostaria de viajar assim, aprender tantas coisas, ficar uma pessoa culta.



João olhou para aquela senhora e disse:

– Gostaria de viajar algum dia comigo?

– Mas como? Não tenho tanto dinheiro assim para fazer uma viagem.

– Não se preocupe. Para onde vamos não é preciso ter dinheiro. Espere, daqui a pouco estarei em sua casa.

A senhora não entendeu, mas mesmo assim foi esperá-lo. Alguns minutos depois, o menino chegou com um pequeno livro debaixo do braço e falou:

– Então, quero lhe mostrar um lugar fantástico.

O garoto sentou ao seu lado, abriu o livro e disse:

– Esta foi a minha primeira viagem.

Na verdade, não precisamos ir tão longe para adquirirmos conhecimento, basta um pouco de vontade e um livro nas mãos.



Resultado...

Até concluir o ensino médio, não sabia em que exatamente eu queria trabalhar, mas tinha certeza de que não queria ser professora. Quando fui me inscrever no curso preparatório para o vestibular, escolhi espanhol como língua estrangeira e, a partir da primeira aula, começou meu encantamento, de modo que eu passava a semana toda esperando pela aula de espanhol. Resultado: decidi que faria o curso de letras – português e espanhol. Contudo, mantinha a certeza de não querer ser professora.

Mas tal posicionamento mudaria. Quando? No estágio. Ali, algo em mim começou a se transformar. Não sei explicar, mas ainda me lembro dos rostos dos alunos, das expectativas deles e minhas.

Depois, tive experiências em escolas particulares, preparatórios para o vestibular no sistema público de ensino. Embora saiba de todas as dificuldades para trabalhar em escolas públicas, é nelas que realizo meus sonhos mais românticos. Acredito em sonhos, acredito em lutar e crescer e, na escola pública, tenho amplo espaço de trabalho, pois existem muitos alunos precisando de incentivo e adoro exercer essa função. Realizo-me com cada vitória deles e me sinto mais encorajada e forte para seguir.

Não trabalho com foco em conteúdos programáticos, mas sim em vida, sentimentos, sonhos, expectativas. Tento usar o espaço escolar para o aprendizado teórico, sim, mas também como oportunidade para alcançar um público maior e transmitir outros conhecimentos que adquiri com a vida e mostrar que ela vale a pena, que devemos lutar para alcançar nossos sonhos, que eles só serão impossíveis se acreditarmos nisso.

Resultado: amo meu trabalho de professora.

Autora: Sílvia Garcia de Freitas

Ilustrador: Diogo Dornelles



Não desista!

Esta história ocorreu há pouco. Estava eu em um pequeno mercado, quando me dirigi ao balcão para solicitar alguns produtos à atendente. De repente, de trás do balcão surge um sorriso contagiante:

– Professora! Quanto tempo!

Olhei admirada. Ela tinha sido minha aluna no ensino fundamental, na oitava série, e, para ser franca, era uma aluna indisciplinada e que gostava de matar aula, além de ter inúmeras ocorrências no seu tempo de escola.

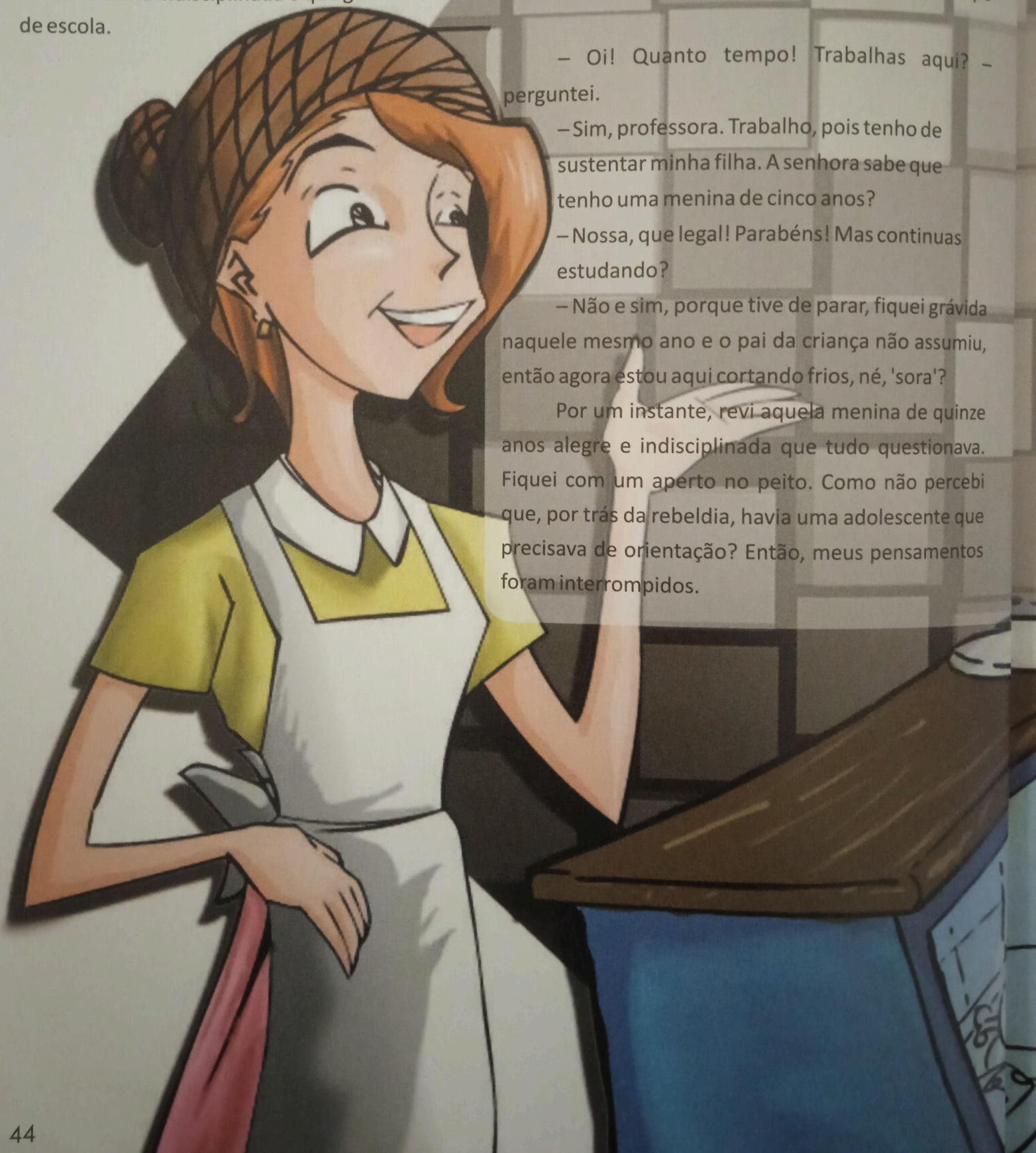
– Oi! Quanto tempo! Trabalhas aqui? – perguntei.

– Sim, professora. Trabalho, pois tenho de sustentar minha filha. A senhora sabe que tenho uma menina de cinco anos?

– Nossa, que legal! Parabéns! Mas continuas estudando?

– Não e sim, porque tive de parar, fiquei grávida naquele mesmo ano e o pai da criança não assumiu, então agora estou aqui cortando frios, né, 'sora'?

Por um instante, revi aquela menina de quinze anos alegre e indisciplinada que tudo questionava. Fiquei com um aperto no peito. Como não percebi que, por trás da rebeldia, havia uma adolescente que precisava de orientação? Então, meus pensamentos foram interrompidos.



– Ah, professora, lembro-me como eram legais suas aulas! Uma vez a senhora falou sobre os jovens argentinos e até hoje me lembro de um jogo em que escrevíamos um bilhete e recebíamos outro. A senhora nos deu um conselho muito legal, que devíamos conhecer as pessoas com as quais nos relacionávamos, viu só? Não segui e acabei sozinha com uma criança na mão.

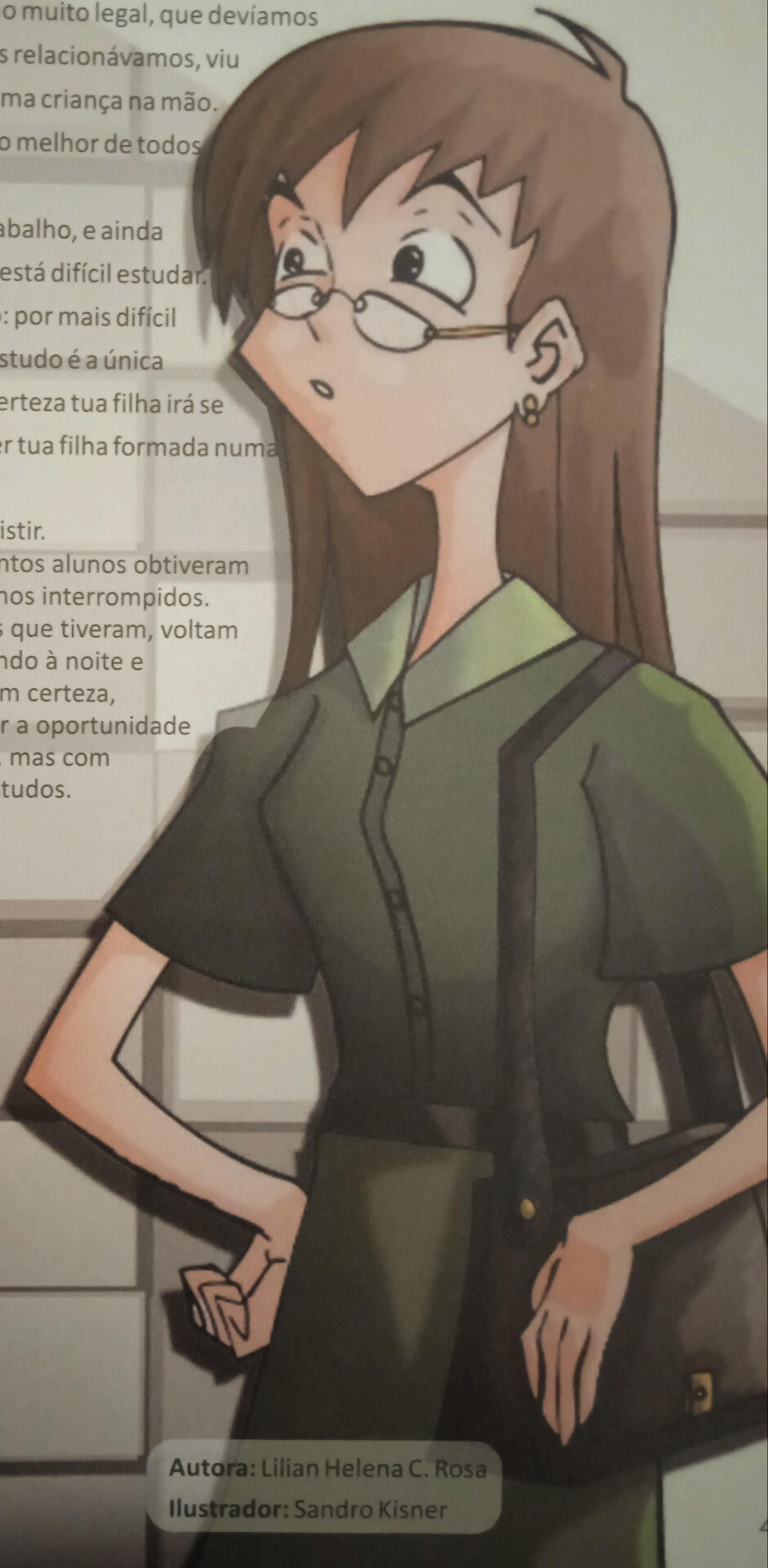
– Ah! Mas garanto que esse foi o melhor de todos os presentes que a vida te deu.

– Claro! Mas eu tenho muito trabalho, e ainda me matriculei numa escola à noite, e está difícil estudar.

– Então aqui vai outro conselho: por mais difícil que seja, não desistas de estudar. O estudo é a única coisa que não podem te tirar. E com certeza tua filha irá se espelhar nas tuas atitudes. Queres ver tua filha formada numa universidade, não?

– Sim, pode deixar, não vou desistir.

Fui embora pensando em quantos alunos obtiveram sucesso e quantos tiveram seus sonhos interrompidos. E quantos, ainda, por mais percalços que tiveram, voltam para a escola mais maduros, estudando à noite e trabalhando durante o dia. Estes, com certeza, aconselharão seus filhos a aproveitar a oportunidade de viver a adolescência plenamente, mas com responsabilidade e dedicação aos estudos.



Autora: Lilian Helena C. Rosa

Ilustrador: Sandro Kisner

Sala trezentos e cinco

A sala número trezentos e cinco tem uma atmosfera diferente das outras; aliás, é toda diferente, começando pela porta, quer dizer, porta não tem.

Essa sala está no último andar da escola, no final do corredor à esquerda. Poucos a conhecem. O estranho é que nessa sala tampouco há janelas.

Os pupilos têm prazer de entrar em uma sala tão engraçada. Uma professora, chamada Letícia, cuida e leciona língua inglesa na sala trezentos e cinco. Quando ela entra, todos já estão em seus lugares, esperando ansiosamente o que a professora falará.

E, é claro, por vezes, é a Letícia que fica ansiosa para escutar o que os alunos têm a dizer.

305

314

O espaço, sem janelas nem porta, possibilita uma visão ampla de tudo o que acontece no entorno. Os alunos estudam cada detalhe com atenção, de acordo com a orientação da professora. Eles não deixam nada escapar. Outro detalhe interessante desse ambiente é que há muitos livros nas prateleiras da sala de aula. Alguns dos alunos levam e deixam livros para os outros lerem também; para outros, a professora empresta; alguns são doados.

Os estudantes têm a possibilidade de pesquisar livremente as obras, as quais retornam às prateleiras para que novos colegas possam, também, conhecê-las.

Sou uma das estudantes da sala que se localiza no final desse mesmo andar, no sentido oposto à sala trezentos e cinco. Diferentemente, a sala tem portas, janelas, não há livros e tem professor, porém ele não nos deixa falar. Sinto-me claustrofóbica, parece que estamos sempre tentando abrir as portas e janelas, e elas estão sempre se fechando. O estranho disso tudo é que haja tão poucas salas como a trezentos e cinco; ela deveria ser normal e não tão incomum.

Autora: Paula da Silva Cunha

Ilustrador: Diogo Soares Dornelles



303

Simples gesto

Era uma vez uma professora que sempre foi muito alegre e que dedicava horas do seu dia na elaboração de boas aulas para seus alunos. Um dia, essa professora começou a passar por dificuldades em casa, com os filhos, e também por problemas financeiros. E os dias foram passando, de modo que de alguns problemas ela passou a ter muitos. A professora descobriu que estava doente e, para piorar sua situação, passou a ter conflitos com o marido.

Diante de tantos transtornos, a professora passou a esquecer de seus alunos. Suas aulas eram tristes, mal os cumprimentava na chegada, apenas passava o conteúdo que tinha de passar. Por sua vez, os alunos não compreendiam o motivo de tanta mudança, pois a professora nunca havia compartilhado nada.



Um dia, Léo, o aluno mais tímido e quieto da sala, reuniu alguns colegas e lhes disse que a professora andava muito triste e que eles, por gostarem dela, deveriam ajudá-la. Alguns disseram que não tinham o que fazer, pois todos nós temos problemas e que ela, por ser professora, saberia superar. Outros não deram muito importância, afinal o Léo estava se “achando” demais.

Mas outros toparam.

– Léo, o que vamos fazer então? – disse Marina.

– Vamos esperar o fim da aula.

– E...? – perguntou Guto.

– Daremos um abraço nela.

– Ah, Léo! Isso é coisa de menina! – afirmou Mateus.

– É, mas eu farei isso. Sempre aprendi em casa que são os pequenos e sinceros gestos que fazem a diferença – argumentou Léo, emocionado.

O fim da aula chegou e a professora começou a arrumar suas coisas. Foi quando Léo, com as bochechas vermelhas e as mãos tremendo, aproximou-se dela e disse:

– Professora! Posso falar contigo?

– Sim.

Léo se aproximou e a abraçou fortemente.

– Quero te dizer, minha professora, que sou teu amigo e que gosto muito de ti.

Podes contar comigo sempre.

A professora emocionou-se. Tentou esconder o choro, mas não conseguiu, pois todos os alunos, também comovidos pela situação, abraçaram-na e falaram o mesmo.

A partir desse dia, a professora pensou menos em seus problemas quando está na escola e passou a perceber que à sua volta tem grandes amigos.

Assim, as aulas voltaram a ser como eram e os problemas se tornaram menores, de maneira que foram, aos poucos, sendo resolvidos. Afinal, o mais importante nesta vida é ter e saber que temos amigos de verdade

Era uma vez um menino da Quinta Série



Era uma vez um menino da quinta série. Naquele dia, saiu de casa com pressa, pois estava atrasado. Não havia ninguém para lhe dar um beijo de bom dia nem para lhe desejar “boa aula”. Nem café tomou. Pelo caminho, encontrou alguns colegas que também estavam indo para a escola. Sem muito falar, continuou caminhando até lá chegar.

Quando já estava na sala de aula, viu chegarem novos professores, dois estagiários e uma bolsista, para aplicar uma atividade que envolveria oficina de criação, um mapa semântico e um desenho da trajetória dos alunos. Cada um teria de demonstrar o percurso feito desde a saída de casa até a chegada na escola e quais eram as ações realizadas em diferentes momentos do seu cotidiano.

O tal menino, desconfiado no primeiro momento, não queria desenhar. Indagado pela bolsista sobre o motivo, adiantou-se dizendo que não gostava de desenho.

A bolsista, apreensiva e atenciosa, tentou fazer o desenho de um chuveiro, incentivando o início daquela atividade. Ele o apagou. Ela foi adiante atender outros chamados e voltou a ele, o menino.

Perguntando-lhe como estava sua atividade, notou que ele tinha começado a fazer um desenho, com traços de repartições, como se fosse a planta baixa de sua casa. Então, ela o incentivou e, com um sorriso, disse que ele iria ser um arquiteto ou um engenheiro civil. Ele, com um sorriso tímido, perguntou o que era arquiteto. Ela respondeu que é uma pessoa que estuda para desenhar casas, edifícios etc.

Para surpresa da futura professora, ele mostrou alguns desenhos da casa dele, nas folhas de caderno, com repartições, banheiro, sala, uma construção completa e com detalhes. Ela ficou impressionada com a qualidade do desenho para uma criança de dez anos. A partir disso, criou-se um vínculo afetivo entre ambos.

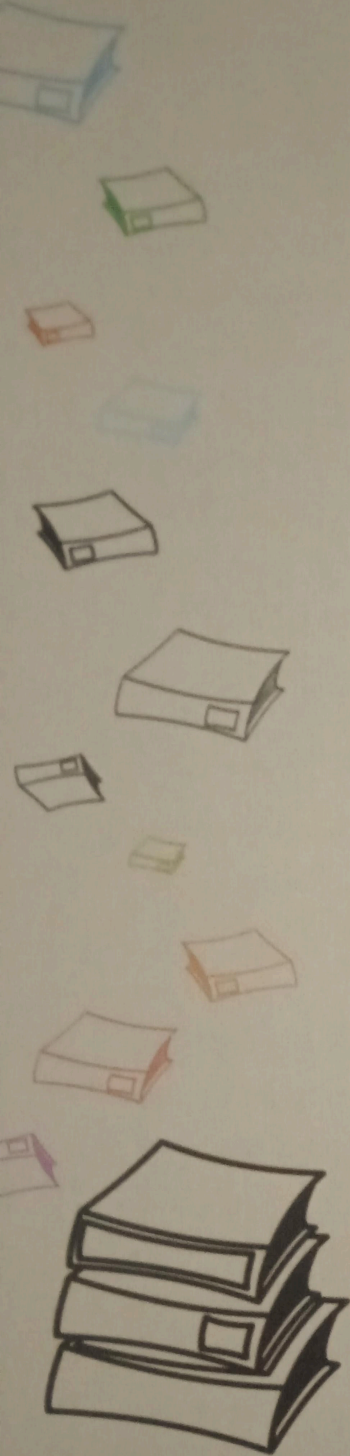
Nesse momento, é possível percebermos a conquista da confiança entre aluno e professor, entre a criança e o adulto. É, e sempre será uma questão de atenção, parar e ouvir, olhar nos olhos, conversar, estar disposto a dedicar um tempo, por mais difícil que seja ter esse tempo. Atitudes de afeto e de amor são extremamente importantes para as relações humanas, sobretudo no ambiente escolar.

Reabrindo nossa biblioteca

Em uma escola da rede pública, havia uma biblioteca que estava fechada fazia tempo. Seus maravilhosos livros estavam se estragando por falta de uso e cuidado.

Muitas vezes, os alunos reclamavam por não terem acesso à biblioteca da escola. E entre os professores, a de língua materna era quem mais se sentia constrangida com a situação. Tinha certeza de que algo precisava ser feito para reverter esse problema.

A professora de português resolveu, então, desenvolver um projeto que se chamou "Reabrindo a nossa biblioteca". Nesse trabalho, era importante a participação dos alunos, dos professores, dos pais e da comunidade, pois a biblioteca era grande e havia muitos livros que precisavam ser catalogados.

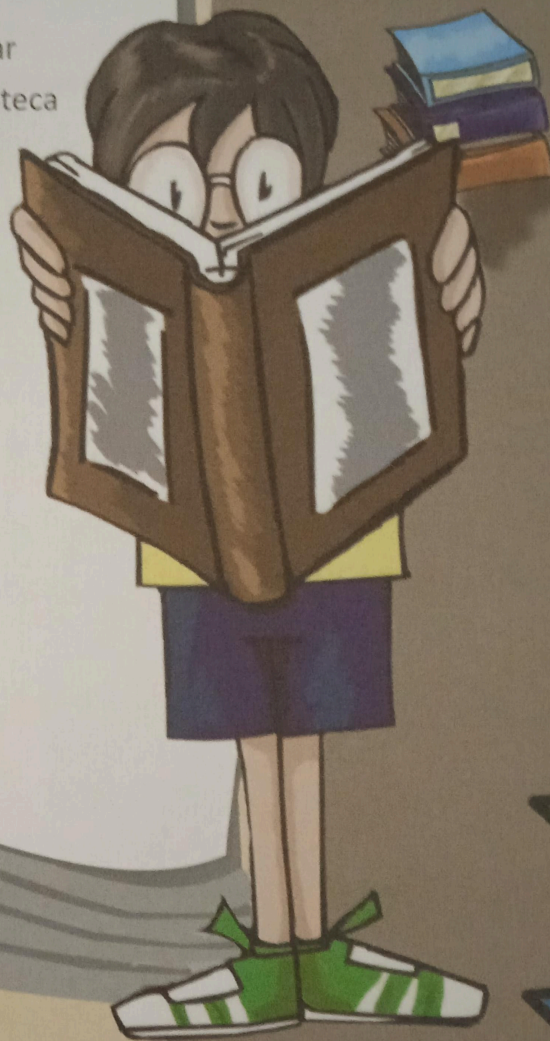


O trabalho começou. Apesar de a maioria dos professores, pais e a comunidade não se interessarem, os alunos que realmente se importavam e que mereciam uma biblioteca na escola participaram ativamente.

Após muita dedicação, a biblioteca voltou a funcionar nessa escola. Agora os alunos vivem com os livros da biblioteca para todos os lados e cuidam bem deles, porque, além de tudo, foram eles que ajudaram esse projeto a se tornar realidade.

Autora: Priscila Alvarenga

Ilustrador: Sandro Kisner



POSTAGENS

Esta história não se refere de modo exato a um evento ocorrido em sala de aula, mas, provavelmente, irá nela se refletir.

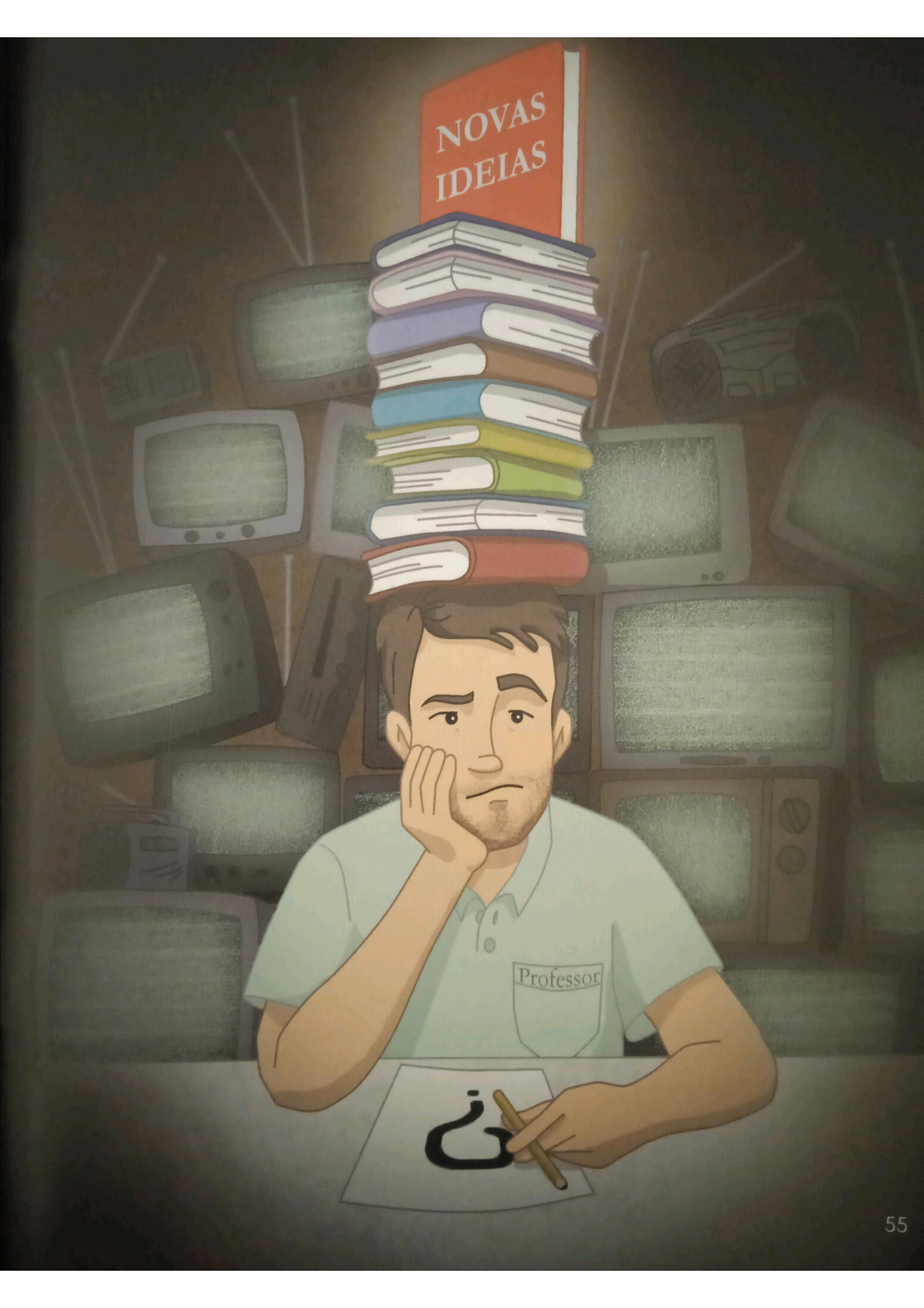
Ao final do primeiro ano da minha graduação, a última avaliação de uma das disciplinas era escrever um ensaio sobre educação. Pois bem, eu me pus a escrever o trabalho, afirmando que, para mais bem produzir conhecimento junto a uma turma, seria necessário identificar qual é o meio pelo qual o aluno melhor apreende conhecimento e, então, acentuar a aplicação de conteúdo por esse meio, e, caso necessário, os alunos seriam separados por classes que trabalhassem especificamente com o seu "jeito" de aprender.

O terrível é que, no primeiro momento, achei a proposta realmente boa. No mês de junho, porém, minha turma foi convidada a assistir a uma palestra. O tema era neurociência e educação.

No decorrer do evento, a palestrante enfatizou a necessidade de se trabalhar a educação não apenas pelo meio conveniente ao aluno, mas por todos os outros, já que fora da escola os alunos enfrentarão diversas situações e precisarão ter aguçadas outras formas de ver e ler o mundo a sua volta. Ou seja, a palestrante mostrou facilmente que não tinha o menor cabimento a minha proposta. Nem sei como concluí a disciplina com aquele trabalho, mas...

O ponto em que quero chegar é que não devemos solidificar conceitos e concepções. Devemos sempre lançar um novo olhar sobre o que aprendemos, pois o conhecimento está em constante transformação. E se nos contentarmos com o que sabemos, sem buscar outras leituras, isso refletirá de maneira ruim no educando.

Autor: Thiago Branco Wonghon
Ilustrador: Anderson Mendonça



NOVAS
IDEIAS

Professor

ف

O amigo!

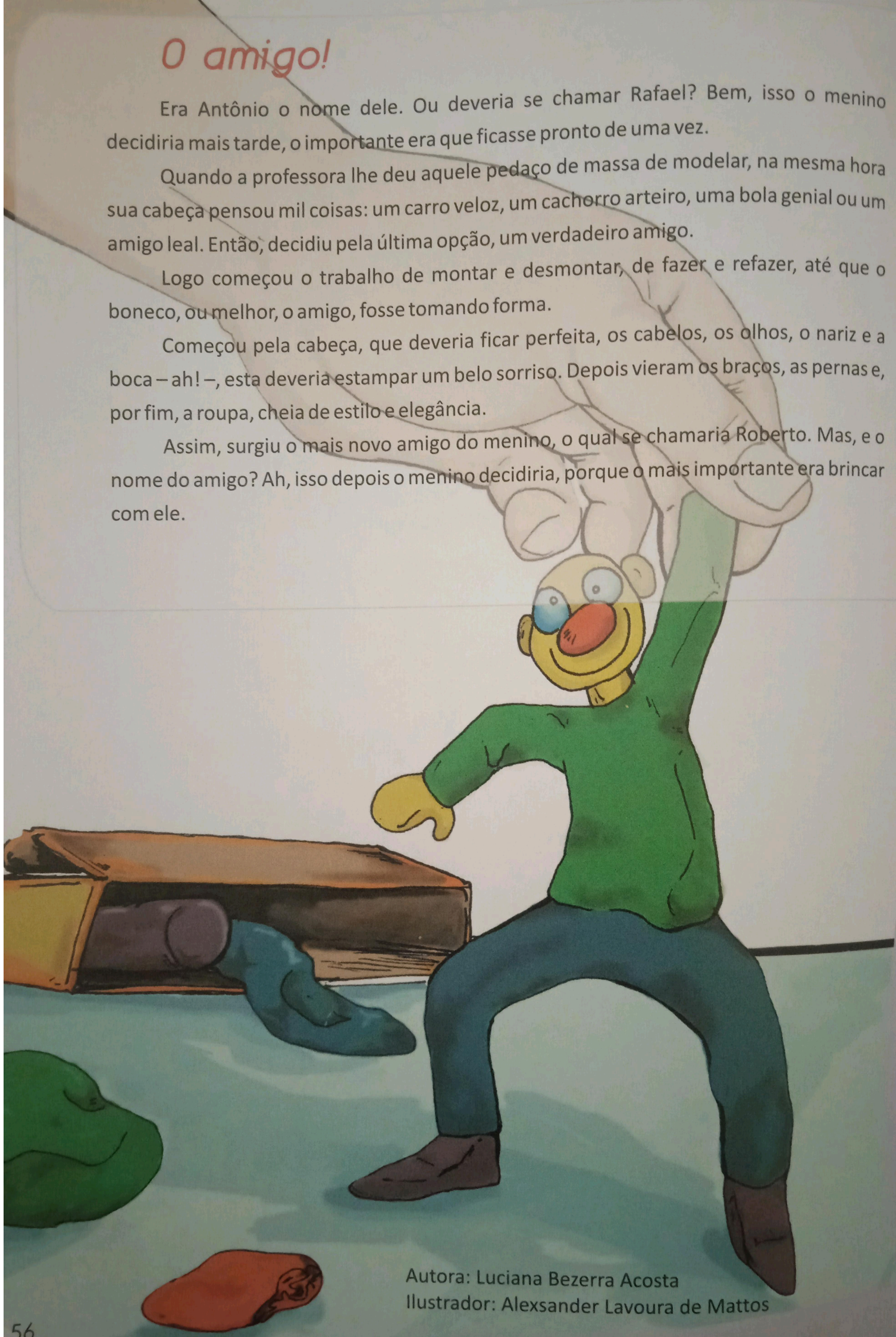
Era Antônio o nome dele. Ou deveria se chamar Rafael? Bem, isso o menino decidiria mais tarde, o importante era que ficasse pronto de uma vez.

Quando a professora lhe deu aquele pedaço de massa de modelar, na mesma hora sua cabeça pensou mil coisas: um carro veloz, um cachorro arteiro, uma bola genial ou um amigo leal. Então, decidiu pela última opção, um verdadeiro amigo.

Logo começou o trabalho de montar e desmontar, de fazer e refazer, até que o boneco, ou melhor, o amigo, fosse tomando forma.

Começou pela cabeça, que deveria ficar perfeita, os cabelos, os olhos, o nariz e a boca – ah! –, esta deveria estampar um belo sorriso. Depois vieram os braços, as pernas e, por fim, a roupa, cheia de estilo e elegância.

Assim, surgiu o mais novo amigo do menino, o qual se chamaria Roberto. Mas, e o nome do amigo? Ah, isso depois o menino decidiria, porque o mais importante era brincar com ele.

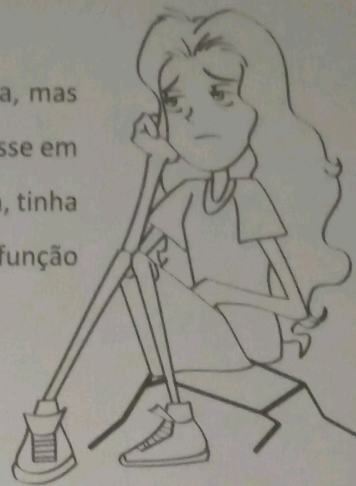


Autora: Luciana Bezerra Acosta
Ilustrador: Alexander Lavoura de Mattos

Vitória e o bullying

Vitória era uma guria acanhada, magricela e de cabelos revoltos. Adorava a escola, mas também a temia. Gostava, porque lá descobria novidades sobre o mundo que a cercava, fosse em relação a coisas próximas a si ou àquelas mais distantes e até então desconhecidas. Todavia, tinha medo porque sua relação com os colegas de turma era conturbada, pois, muitas vezes, em função de sua maneira de ser, ela era motivo de chacota para aqueles mais saíndinhos.

Um dia, a guria não quis mais ir ao colégio, uma vez que, havia longo tempo, dizia sentir-se vítima do assédio conhecido como *bullying*. Ela não suportava mais aquela situação, pois não conseguia reagir às chacotas, as quais lhe provocavam profundos conflitos internos. Pudera ela mudar seu corpo para que os colegas não a



chamassem mais de “pau-de-virar-tripa”.

Vitória estava na adolescência e seu corpo sofria mudanças dessa fase, o que a deixava insegura e sem saber como agir, já que era tudo muito novo para ela. Sua mãe estava preocupada e procurou a escola para tentar entender o que estava acontecendo. Até então, a professora não havia percebido a situação que tanto constrangia Vitória, mas prometeu à mãe que, juntamente com os outros profissionais da escola, as devidas atitudes seriam tomadas. Com isso, pergunto-me: como a escola deve agir nesses casos?



N. E. - A palavra *bullying* se deriva do verbo inglês *bully*, que significa o uso da superioridade física para intimidar o outro. Ofensas, agressões físicas, repressão. A escola pode ser palco de tais condutas, fazendo da vida escolar de muitos alunos verdadeiro terror. *Bullying* é tirania psíquica, tormento moral, assédio que pode se estender a ameaças e humilhações em público. Crueldade intencional e repetitiva, seus agentes tomam o outro como objeto de malvadas e constrangedoras brincadeiras, cujos efeitos nocivos ao psiquismo do que as sofre podem se estender ao longo da vida.



O TERCEIRO PASSO

Quando eu ainda estava na oitava série, passei a vivenciar um pouco o vestibular, por ter em casa uma irmã que o prestaria, no final do ano letivo. Isso me instigava a pesquisar em fôlderes, buscando saber um pouco mais sobre os cursos que, naquele período, existiam na Furg.

Foi então que o curso de Física me chamou à atenção, além de eu perceber que era um dos que tinham número mais baixo de candidatos por vaga. Ainda sem muita preocupação quanto a isso, decidi direcionar minha ansiedade ao segundo passo, o ensino médio; foi aí que, com mais conhecimento sobre o que era física, pude, aos poucos, começar a gostar do conteúdo conceitual, que fazia parte da ementa disciplinar, apesar de não tê-lo visto por completo em nenhum dos meus três anos na escola.

Com a proximidade do vestibular, já no terceiro ano, a situação começou a ficar mais complicada, a pressão e a grande responsabilidade em escolher a profissão de minha vida começaram a vir à tona. A aptidão para música, o gosto por biologia e física começaram a confundir meus pensamentos de adolescente. Então, decidi fazer um curso com duração de dois semestres, oferecido pelos alunos da cadeira de estágio do curso de licenciatura em física, da Furg. A partir disso, realmente pude me envolver um pouco mais com a física e suas experimentações, convicta de que essa seria minha futura profissão.

No ano seguinte, o terceiro passo estava dado, e eu começava meu primeiro ano no curso. No momento inicial, o grande susto e o medo de prosseguir me tomaram, mas isso não foi suficiente para desistir. Era hora de decidir o que eu enfatizaria dentro do curso e, depois de percorrer outro caminho, concluí que realmente a licenciatura me interessava mais, e, assim, decidi prosseguir: com a certeza de que somente sairia dali como uma educadora.

Autor: Franciele Ruas

Ilustrador: Anderson Mendonça

Organização

Maria do Carmo Galiazzi
Vivian da Silva Paulitsch

Equipe de Ilustração

Consultoria das Ilustrações

MSc. Geraldo Roberto da Silva
Dr. José Antônio Vieira Flores

Ilustrações, capa e finalização

Alexsander Lavoura de Mattos
Anderson Mendonça
Diogo Soares Dornelles
Sandro Kisner

Edição de Texto , design e produção gráfica

Cibele Dias Borges

Revisão linguística

Rosely Diniz da Silva Machado

Agradecimento a todos que colaboraram especialmente à

Aline Machado Domeles
Iraí Mirapalmete
João Reguffe
João Balansin
Karen Ribeiro
Maria Cristina Pastore
Therezinha Andrades

Coordenação do PIBID - FURG

Prof^ª Maria do Carmo Galiuzzi - **PIBID Institucional**

Prof^ª. Aline Guerra Dytz e Prof. Luiz Fernando Mackedanz - **Física**

Prof^ª. Celiane Costa Machado - **Matemática**

Prof^ª. Derocina Alves Campos Sosa - **História**

Prof^ª. Ioni Gonçalves Colares - **Biologia**

Prof^ª. Luciani Salcedo de Oliveira - **Inglês**

Prof^ª. María Josefina Israel Semino de López - **Espanhol**

Prof. Moacir Langoni de Souza - **Química**

Prof^ª. Rosely Diniz da Silva Machado - **Português**

Prof^ª. Silvana Maria Bellé Zasso - **Pedagogia**

Prof^ª. Vivian da Silva Paulitsch - **Artes Visuais**

Autores

PIBID Artes Visuais

Maria Cristina Pastore
Roberta Merino Bastos
Vinicius da Costa Rocha

PIBID Biologia

Angela Dantas
Elisa V. Salengue
Melissa Orlandin Nunes

PIBID Português-Espanhol

Rafaela Fúcolo Almeida
Lilian Helena da Costa Da Rosa
Sílvia Garcia de Freitas

PIBID Física

Anahy Arrieche Fazio
Franciele Ruas
Grasiele Ruiz Silva

PIBID História

Daiane Eslabão
Thiago Branco Wonghon
Verônica Canteiro Silveira
Profª Verônica Canteiro Silveira

PIBID Português- Inglês

Camila de Oliveira
Ornella Dapuzzo
Paula da Silva Cunha

PIBID Matemática

Fernanda F. da Roza Segui
Karine Monteiro
Liliane Antiqueira

PIBID Química

Daiane Souza dos Santos
Gabriela Marquetotti Salcedo
Profª Rosá Cristina Madruga de Souza

PIBID Pedagogia

Andriara Nunes Nunes
Luciana Bezerra Acosta
Profª Maria Alice Magalhães

PIBID Português

Henrique Magalhães Meneses
Kamila Fidalgo Rembowski
Priscila Nunes de Alvarenga

